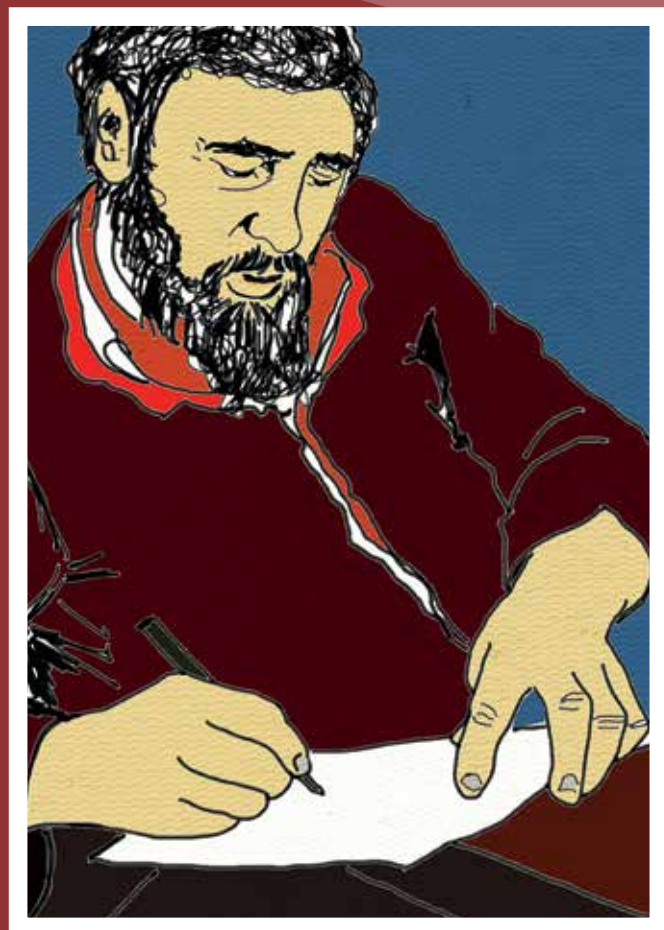


Primeira carta aos Tessalonicenses: uma Igreja firme no meio dos sofrimentos



3 Anunciar o evangelho
e doar a própria vida
(1Ts 2,8)
Maria Antônia Marques

13 A missão de Paulo
apóstolo: anunciar
o evangelho
(1Ts 2,1-12)
Centro Bíblico Verbo

21 A vinda do Senhor:
“Fiquemos sóbrios
com a fé, o amor e a
esperança” (1Ts 5,8)
Shigeyuki Nakanose, svd

33 O Cerco de Jericó:
uma crítica
Guillermo D. Micheletti

41 Roteiros homiléticos
Aíla L. Pinheiro de Andrade, nj



ANUNCIAR O EVANGELHO E DOAR A PRÓPRIA **VIDA**

(cf. 1Ts 2,8)

CAMPANHA MÊS DA BÍBLIA 2017



Neste mês da Bíblia, a PAULUS tem um convite para você: anunciar o Evangelho e doar a própria vida. Saia em caminhada e torne-se instrumento da Palavra!

É essa a missão que nos foi legada por São Paulo Apóstolo e que queremos compartilhar também com você.

Conheça, viva e transmita ao mundo a Palavra de Deus. Leia a Bíblia.

Campanha vigente de 1º de agosto a 30 de setembro de 2017.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



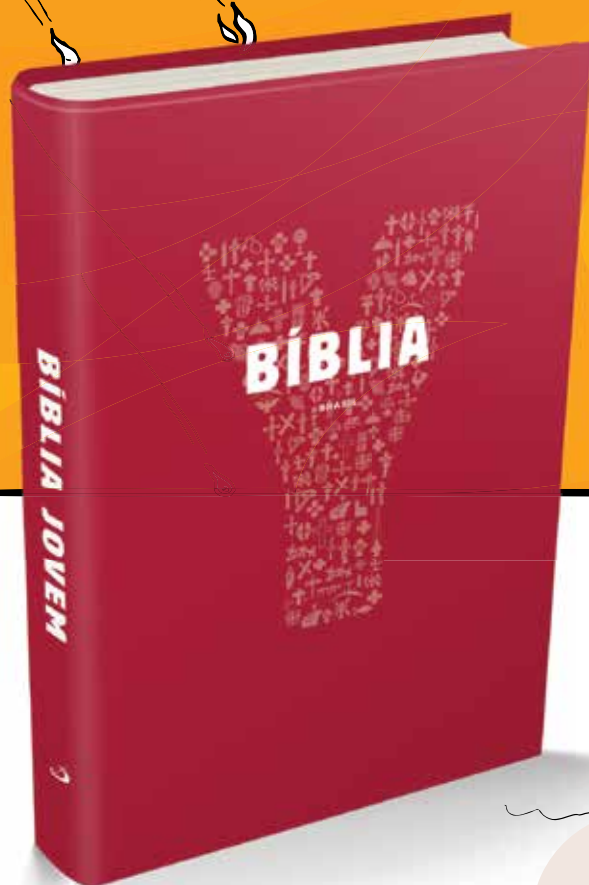
editorapaulus



PAULUS

“ Vocês têm nas mãos algo de divino:
um livro como fogo,
um livro no qual Deus nos fala.”

Papa Francisco



A Bíblia não é um livro qualquer. Com a Palavra de Deus, a luz veio ao mundo e nunca mais se apagou! Na **Bíblia Jovem**, novo volume da coleção YOUCAT, você vai encontrar comentários de alguns dos textos da Sagrada Escritura, frases de santos, fotos, perguntas dos jovens e os famosos *stickmen**. Ouça a voz de Deus falando diretamente ao seu coração.

Leia a Bíblia Jovem!



reddot award 2016
winner

Projeto
de **design**
premiado!



youcat.paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



editorapaulus



* Os bonecos-palito que ilustram as páginas do livro.

FAPCOM

Faculdade Paulus de Comunicação

A missão da FAPCOM é promover o ser humano por meio de uma formação integrada às áreas de comunicação, filosofia e tecnologia, com sólidos conhecimentos teóricos e práticos, para atuar no mundo do trabalho com profissionalismo, ética e responsabilidade social.

Jornalismo

Rádio, TV e Internet

Relações Públicas

Publicidade e Propaganda

Filosofia

Fotografia

Multimídia

Audiovisual



Entre os Melhores
Cursos de Comunicação
de São Paulo (MEC)



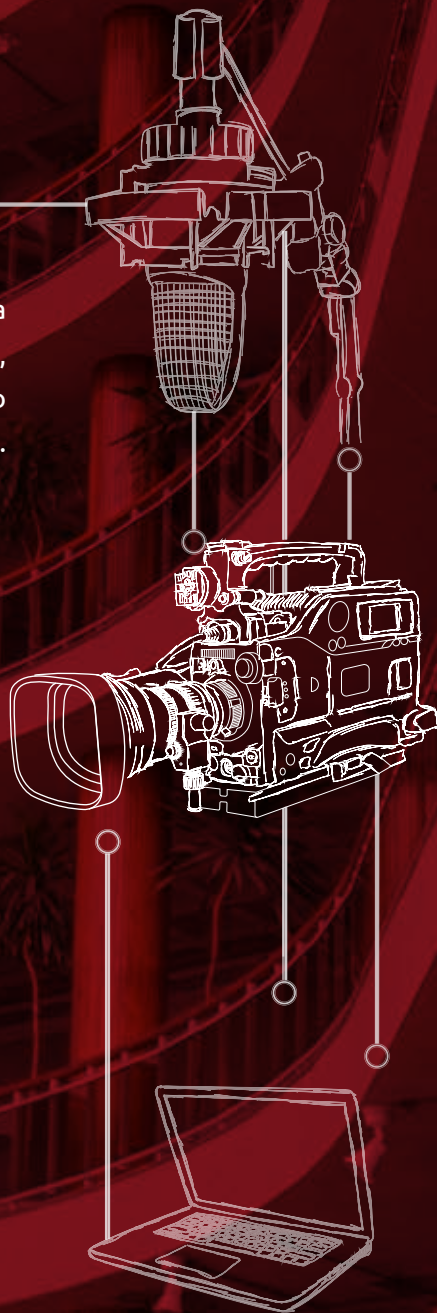
CI | IGC MEC/INEP
Faixa de Excelência



Melhores Universidades
pelo Guia do Estudante



Trabalhos Premiados
EXPOCOM | ABRP



EXCELÊNCIA RECONHECIDA
FAPCOM.EDU.BR



Prezadas irmãs e prezados irmãos, graça e paz!

O apóstolo Paulo foi o homem da comunicação, dos contatos humanos, da abertura, do diálogo com as culturas, do encontro com os diferentes, com os de fora, com os influentes e com as pessoas simples de seu tempo. Ele sabia a hora de falar e a hora de calar, a hora de plantar e a hora de colher. Paulo entendia a comunicação não simplesmente como meio, mas como comunhão, como vínculos. Por isso, mais do que um fundador de comunidades, foi uma pessoa das relações, capaz de trabalhar em equipe: com homens e mulheres de diferentes culturas. Desde o encontro com Jesus Cristo a caminho de Damasco (At 9), sua vida passou a ter um só horizonte: ir por todo o mundo para proclamar o evangelho a toda criatura (Mc 16,15).

Alguém, num primeiro momento, poderia pensar, considerando o volume dos textos de Paulo no Segundo Testamento, que o apóstolo vivia apenas de enviar cartas, escritas de seu escritório. Na verdade, ele primava antes de tudo por visitar as pessoas, conversar com elas, ouvi-las, conviver. As cartas foram a forma que encontrou para manter esses vínculos vivos. Eram o meio eficiente que tinha ao seu alcance na época. Elas nasciam de seu empenho missionário e pastoral.

Antes do envio das cartas, o apóstolo fazia o contato corpo a corpo com as comunidades. Nisso tinha de percorrer longas viagens e correr grandes riscos, sofrer fadigas, prisões, açoites e perigo de morte. “Fui flagelado três vezes. Passei um dia e uma noite em alto-mar. Quantas viagens com perigos em rios, perigos de ladrões, perigos por parte de compatriotas meus, perigos por parte das nações, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por estar entre falsos irmãos” (2Cor 11,24-27). Ele evangelizava com o Espírito.

Após o encontro marcante com o Mestre, após a experiência do Senhor ressuscitado, lançou-se por inteiro à vivência e ao anúncio da boa notícia. De tal modo que sua vida não lhe pertencia mais. Pertencia ao Senhor. É a experiência do amor verdadeiro. Quando se encontra o amor de verdade, é ele que dá o sentido da vida e dirige toda a ação de quem ama.

Paulo era preparado culturalmente, bem formado na cultura de seu povo e praticante ferrenho dos ensinamentos que adquirira. Todo esse repertório ele o utilizará na aventura e ousadia de pertencer a Jesus Cristo. Outrora perseguidor dos cristãos, agora se entrega de corpo e alma ao anúncio do evangelho, a ponto de expressar do fundo da alma a profundidade do seu amor: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

Paulo sabia que evangelizar não era privilégio, mas uma obrigação. “Ai de mim se não pregar o evangelho” (1Cor 9,16). Ele tinha convicção de que sua pregação não era tão somente fruto de suas capacidades pessoais. Sua pregação era fruto do Espírito. Como ensina o papa Francisco, “uma evangelização com espírito é muito diferente de um conjunto de tarefas como uma obrigação pesada, que quase não se tolera ou se suporta como algo que contradiz as nossas próprias inclinações e desejos” (EG 261).

Este número de *Vida Pastoral* trata especificamente da primeira carta do apóstolo aos Tessalonicenses, o primeiro texto escrito do Segundo Testamento. Certamente temos muito que aprender desta jovem comunidade, dos primórdios de nossa fé, vivenciada uns vinte anos após a ascensão de Jesus. Para enriquecer ainda mais nossa reflexão, contamos também nesta edição com um texto crítico sobre o chamado “Cercos de Jericó”. Boa leitura e feliz missão.

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
MTB 11096/MG
Conselho editorial Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito,
Pe. Claudiano Avelino dos Santos,
Pe. Darci Marin e Pe. Paulo Bazaglia
Ilustrações Elinaldo Meira
Editores Fernando Tangi

Revisão Caio Ernane Pereira e Alexandre Soares Santana
Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
paulus.com.br / paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:
E-mail: assinaturas@paulus.com.br
Tel.: (11) 3789-4000
Fax: (11) 3789-4011

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista *Vida Pastoral* – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:
Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7
Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP
Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE
Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA
Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG
Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF
SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP
Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS
Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS
Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR
Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC
Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE
Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO
Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB
Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM
Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN
Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS
Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP
Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ
Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA
Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP
Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP
Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA
Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES
Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP
Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES
Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

Anunciar o evangelho e doar a própria vida (1Ts 2,8)

Introdução à primeira carta aos Tessalonicenses



Maria Antônia Marques*

A primeira carta aos Tessalonicenses é um escrito de Paulo e seus colaboradores à comunidade recém-fundada e perseguida de Tessalônica. Os missionários mantêm uma relação próxima com a comunidade e, ao mesmo tempo, estão preocupados com a continuidade do anúncio do evangelho.

*Assessora do Centro Bíblico Verbo e professora da Faculdade Dehoniana, em Taubaté, e do ITESP, em São Paulo. Juntamente com o Centro Bíblico Verbo, tem publicado todos os anos pela Paulus um subsídio para reflexão e círculos bíblicos para o mês da Bíblia. E-mail: ma.antoniabv@yahoo.com.br

Introdução

Na primeira carta aos Tessalonicenses, há expressões afetuosas, como a ternura de uma mãe “acariciando os filhos” (1Ts 2,7) ou: “Tratamos cada um de vocês como um pai trata seus filhos” (1Ts 2,11b). Impedidos de estar com a comunidade, os missionários afirmam: “Quanto a nós, irmãos, por algum tempo estivemos de vista separados de vocês, mas não de coração, e redobramos nossos esforços pelo ardente desejo de vê-los novamente” (1Ts 2,17).

Como mãe, pai e irmão, Paulo e seus colaboradores expressam forte laço familiar com a comunidade, sobretudo na primeira parte da carta (1Ts 1-3). Na segunda parte (1Ts 4-5), há orientações, palavras de encorajamento e exortações (1Ts 4-5): “Irmãos, nós lhes pedimos e encorajamos no Senhor Jesus: vocês aprenderam de nós como devem viver para agradar a Deus. Vocês já vivem assim, mas devem continuar progredindo” (1Ts 4,1); “Nós, que somos do dia, fiquemos sóbrios, revestindo a armadura da



fé e do amor, e o capacete da esperança da salvação” (1Ts 5,8).

Contexto

É uma carta repleta de amor, alegria, preocupação e exortação! Considerando o contexto no qual a carta surgiu, compreende-se o imenso desejo dos missionários de estar com seus fiéis para “acariciar” e “encorajar”. Expulsos de Filipos, na Macedônia, por causa da perseguição da autoridade romana (1Ts 2,2), Paulo e Silas (Silvano) dirigiram-se à cidade de Tessalônica, capital da província, onde fundaram a comunidade. Aí também eles foram perseguidos, tendo de partir para Bereia, onde novamente foram ameaçados.

A perseguição só parou quando deixaram a Macedônia e chegaram a Atenas, província da Acaia, outra jurisdição romana. Em Atenas, Paulo enviou seu fiel colaborador Timóteo para verificar a situação da comunidade de Tessalônica. De volta, Timóteo encontrou Paulo em Corinto, dando-lhe a boa notícia da perseverança da comunidade e falando-lhe também sobre a tribulação e os problemas do cotidiano: “É que vocês se tornaram imitadores nossos e do Senhor, acolhendo a Palavra com a alegria do Espírito Santo, apesar de tantas tribulações” (1Ts 1,6).

As tribulações eram inevitáveis! Ao anunciar o evangelho de Jesus crucificado como Messias e salvador, Paulo e seus seguidores ameaçavam a sociedade escravagista, controlada pela força do império romano com a figura poderosa do imperador, messias e salvador: “O nosso evangelho não chegou a vocês apenas com palavras, mas também com poder, com o Espírito Santo, e com toda a convicção” (1Ts 1,5). No mundo escravista, o evangelho teve o poder de formar a comunidade na liberdade, na igualdade e na fraterni-

dade. O evangelho de Jesus crucificado estava na contramão da proposta do império romano. Daí a perseguição!

A perseguição atingiu duramente Paulo, seus colaboradores e a comunidade, cujas vidas já eram bastante sofridas: a maioria dos membros da comunidade cristã de Tessalônica,

como a de Corinto, era constituída por escravos. Trabalhadores braçais sem direito a cidadania, sofriam muito mais com a exploração, a violência e a humilhação: “Passamos fome e sede, estamos malvestidos, somos maltratados, não temos morada certa, e nos cansamos trabalhando com as próprias mãos” (1Cor

4,11-12; cf. 1Ts 2,9). Uma vida ameaçada! Por isso, é muito compreensível que a comunidade de Tessalônica esperasse ansiosamente pela vinda do Senhor Jesus, o dia da salvação: “Quanto a datas e momentos, irmãos, não é necessário escrever-lhes. Pois vocês sabem muito bem que o Dia do Senhor virá como ladrão à noite” (1Ts 5,1).

A vida ameaçada também faz parte da realidade que experimentamos em nossa sociedade. Basta recordar algumas notícias nos meios de comunicação: “6 homens têm a mesma riqueza que 100 milhões de brasileiros juntos”; “Desemprego no Brasil atinge mais de 12 milhões”; “Dos 5 milhões de estabelecimentos rurais, a metade possui menos de 10 hectares, numa área de aproximadamente 7,9 milhões de hectares. Já os 37 maiores latifúndios possuem juntos 8,3 milhões de hectares”; “Hoje, no Brasil, temos 60 milhões de pobres e outros tantos milhões abaixo da linha de indigência”; “Onda de violência gera morte dentro e fora de presídios”; “A operação Lava Jato: fraude e corrupção na administração política”; “Desastre ambiental da Samarco”, entre tantas outras.

Má distribuição de renda, concentração da terra, desemprego, corrupção, violência, de-

**“Como mãe,
pai e irmão,
Paulo e seus
colaboradores
expressam forte
laço familiar com
a comunidade”**



sastre ambiental, pobreza, fome, doença e morte ameaçam a vida cotidiana das pessoas. Como no tempo de Paulo, os poderosos de hoje, com sua ganância e ambição, sacrificam a vida humana e a mãe natureza: “Pois bem, sabemos que a criação inteira geme e sofre até agora com dores de parto” (Rm 8,22).

Com afeto e preocupação, Paulo e seus colaboradores escreveram a primeira carta aos Tessalonicenses, para encorajar e orientar a comunidade que estava ameaçada: “Sem cessar, lembramos a obra da fé, o esforço do amor e a constância da esperança que vocês têm no Senhor nosso Jesus Cristo, diante de Deus nosso Pai” (1Ts 1,3). É necessário fortalecer a perseverança da comunidade com a fé ativa, o amor fraterno e a esperança teimosa, como motor na caminhada, rumo à realização do projeto de Jesus crucificado e ressuscitado: para que nele nossos povos tenham vida. Junto com Paulo e seus companheiros, vamos colocar nossos pés na cidade de Tessalônica.

Um olhar para a cidade de Tessalônica

Na segunda viagem missionária (49-52 d.C.), Paulo atravessou a província da Ásia (atual Turquia) e chegou à cidade de Filipos, na província da Macedônia (na Europa, atualmente Grécia meridional), por volta do ano 50 d.C. Esse foi o início de sua missão na Europa! Depois de passar alguns meses pregando o evangelho, Paulo e seu colaborador Silas (Silvano) foram perseguidos: “mesmo depois de sofrermos e termos sido insultados em Filipos” (1Ts 2,2a).

Expulsos de Filipos, seguiram para o oeste, pela via Egnácia, a grande estrada romana que ligava Roma às províncias do Oriente, fazendo conexão com importantes estradas, como a via Ápia (vinda de Roma). Depois de uma jornada de cerca de 150 quilômetros, Paulo e Silas chegaram à cidade de Tessalônica (atualmente Salônica, Grécia), capital da província da Macedônia. Uma das cidades

100 orações para acalmar e fortalecer o espírito

Luiz Alexandre Solano Rossi



A vida também é feita de sobressaltos. Muitas vezes nos sentimos desanimados e enfraquecidos, mas é nos momentos difíceis que devemos nos voltar para Deus. Este livro é uma recordação diária de que Ele faz bem a nossas vidas e que, mesmo na noite escura, é possível vê-lo sorrindo de modo resplandecente.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





mais movimentadas e prósperas do império romano no século I.

Tessalônica foi fundada em 315 a.C. por Cassandro, general de Alexandre Magno, que deu ao local o nome de sua mulher, Tessalônica, irmã de Alexandre. Por ter uma área rural fértil, um bom porto e, especialmente, localização estratégica, a cidade de Tessalônica sempre foi cobiçada pelos romanos. Na batalha de Pidna, em 168 a.C., os romanos finalmente conquistaram a cidade e a transformaram na capital da Macedônia. Mais tarde, por ocasião da batalha de Filipe, em 42 a.C., Tessalônica obteve do imperador Augusto as regalias de cidade livre, tendo administração e tribunais próprios.

Sabe-se que esse privilégio dado a Tessalônica não era devido ao tamanho da cidade. Comparada a outras capitais provinciais, como Éfeso asiática, Antioquia síria ou Alexandria egípcia, Tessalônica era uma das menores. Contudo, tornou-se a sede natural do poder romano por sua localização: na via Egnácia, a cidade tinha acesso à estrada vinda da província da Acaia (Atenas e Corinto), à via Ápia (Roma, o mar Adriático) e às principais estradas para o Oriente. Estava situada junto a uma pequena baía (porto natural), no norte da Grécia, no mar Egeu (o golfo Termaico). Enfim, uma localização geográfica privilegiada, com conexão para todos os pontos do império!

Tudo isso favoreceu que Tessalônica se tornasse importante centro comercial, político e cultural, contribuindo para a exploração e comercialização das riquezas agrícolas e minerais da Macedônia, como também para a chegada de vários povos, atraídos pelas oportunidades de comércio, trabalho, prazer etc. Era grande a circulação de pessoas e mercadoria! A capital da Macedônia gozava de prosperidade, poder e diversidade sem precedentes.

No tempo de Paulo, Tessalônica possuía uma população ao redor de 40 mil habitantes, pessoas provenientes de todas as partes do Mediterrâneo. As informações históricas atestam, entre a população grega da cidade, a presença de vários povos: egípcios, trácios (povo indo-europeu), ítalo (da antiga Itália), sírios, judeus, entre outros. O destaque entre eles eram os comerciantes italianos, que viajavam atrás das oportunidades comerciais no império romano.

A diversidade da população da cidade se refletia também na religião. Além dos cultos locais às divindades do Olimpo grego (Zeus, Apolo, Ares, Afrodite, Dioniso etc.), a presença de cultos a divindades “estrangeiras” é bem atestada em Tessalônica: cultos romanos com suas divindades (Júpiter, Febo, Martes, Vênus etc.), culto obrigatório ao imperador (salvador e messias), divindades egípcias (Serápis, Osiris, Anúbis), asiáticas (Átis e Cibele), e o judaísmo, reconhecido como religião lícita. Também não faltavam novas religiões de mistérios, vindas do Oriente. Seus pregadores circulavam pelas ruas da cidade vendendo o “êxtase espiritual”. Era um grande mercado religioso!

Diversidade, poder e prosperidade sem precedentes! Tessalônica era uma verdadeira cidade cosmopolita: muitas mercadorias e muitas pessoas circulavam por via terrestre e marítima. Entre elas, ricos comerciantes, fazendeiros, militares aposentados, atraídos a Tessalônica pelo fato de ser uma capital livre. Riqueza, grandeza, beleza e glória, sem falar de farra e prazer num típico centro urbano.

Dito isso, é preciso acrescentar também ganância, exploração, manipulação política, corrupção, violência, imoralidade, desigualdade, miséria, fome e morte em Tessalônica, típica sociedade escravagista. A riqueza era

“Paulo e seus colaboradores escreveram a primeira carta aos Tessalonicenses para encorajar e orientar a comunidade que estava ameaçada”



conquistada a partir do trabalho escravo e do comércio. Talvez cerca de dois terços da população fossem de escravos, vivendo à margem da sociedade. Os escravos, considerados propriedade, como qualquer outra coisa, sofriam injustiça e crueldade.

Os estudos descrevem os ambientes em que viviam os pobres da periferia da cidade: ruas estreitas e malcheirosas e casas mal construídas. Miséria, fome e doença tomavam conta dos pobres escravos. A vida era curta! Talvez a duração da vida de um escravo fosse de pouco mais de 20 anos. Havia grande incidência de suicídios.

A grande massa de “imigrantes pobres e escravos” do Oriente Médio e das margens do Mediterrâneo chegara a Tessalônica para ganhar a vida ou sobreviver na cidade cosmopolita. Eram pobres desenraizados! Sofriam com insegurança, exploração e violência na vida da periferia. E, nela, o próprio Paulo acabou trabalhando e pregando a boa-nova de Jesus crucificado.

Conhecendo a comunidade cristã de Tessalônica

Estando em Tessalônica, Paulo era grato aos filipenses pelo auxílio recebido: “E quando eu estava em Tessalônica, vocês mais de uma vez me enviaram ajuda para minhas necessidades” (Fl 4,16). Por que a comunidade cristã de Filipos auxiliou as atividades missionárias de Paulo em Tessalônica? O que a comunidade de Tessalônica teria feito? Parece haver, nesse fato, problema na comunidade? Que tipo de comunidade havia em Tessalônica?

Como princípio geral, Paulo preferiu trabalhar pelo próprio sustento, inclusive em Tessalônica: “Pois vocês ainda se lembram, irmãos, de nosso trabalho e fadiga. Noite e dia trabalhando para não sermos de peso para nenhum de vocês, nós assim lhes proclamamos o evangelho de Deus” (1 Ts 2,9).

O recebimento do auxílio dos filipenses para o trabalho missionário em Tessalônica e

Aquela que acreditou A vida oculta de Maria de Nazaré

Lúcia Arruda



Os textos do Novo Testamento pouco falam da história de Maria. Nesta obra, Lúcia F. Arruda conta, em forma de romance bíblico e com pesquisa atualizada sobre o contexto da época, a história “daquela que acreditou” (Lc 1,45), desde seu nascimento até os últimos dias em Jerusalém. A figura de Maria que emerge destas páginas é a de uma mulher simples, que seguiu com fidelidade o plano de Deus para toda a humanidade.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





o fato de trabalhar noite e dia, como o próprio Paulo afirma: “Para não sermos peso para nenhum de vocês”, são elementos que lançam uma luz indireta sobre o cotidiano da comunidade cristã de Tessalônica:

a) A princípio, Paulo trabalhava de dia para ganhar o pão e, de noite, pregava o evangelho. Com o aumento da atividade pastoral, teria pouco a pouco deixado de trabalhar e ganhado menos. Necessitava de auxílio para seu sustento. Mas a comunidade tinha poucos recursos, porque a maioria de seus membros era pobre!

b) O próprio Paulo trabalhou e exortou a comunidade a trabalhar com as próprias mãos (1Ts 4,11). Na sociedade greco-romana, o trabalho manual normalmente era função de escravos. É muito provável que a comunidade, em grande parte, fosse formada por escravos, sem direito a cidadania.

Tudo leva a crer, portanto, que os membros da comunidade de Tessalônica eram pessoas empobrecidas e sofridas que viviam na periferia, em “extrema pobreza” (2Cor 8,2). Trabalhavam “noite e dia” com as próprias mãos, alguns como carregadores no porto. Ansiavam por liberdade, segurança e vida digna: ter comida, roupa e moradia decente (cf. 1Cor 4,11-13). Certamente, sonhavam poder possuir direito a cidadania e participar das decisões em assembleia. Esse era o mundo dos pobres trabalhadores das grandes cidades do império!

Exatamente nesse mundo, Paulo entrou, trabalhou com as próprias mãos e lançou as sementes do evangelho, nascendo aí uma pequena comunidade cristã. Esta foi a sua estratégia pastoral: entrar no mundo dos trabalhadores pobres.

Havia, nas cidades do império romano, associações voluntárias ou confrarias de pessoas em torno da mesma atividade profissional, da devoção à mesma divindade ou da

mesma localidade. Elas organizavam convívio, reuniões, festas, cultos e, sobretudo, as refeições comunitárias. Uma forma de proporcionar senso de identidade, solidariedade, dignidade, segurança, promovendo a ajuda mútua e a fraternidade.

Não há dúvida de que Paulo, como artesão de tenda, trabalhou, participou ou atuou na organização da associação dos trabalhadores pobres na periferia da cidade de Tessalônica. A oficina na qual Paulo trabalhava tornou-se a base estável de contatos entre os trabalhadores, seus familiares e amigos. Era um espaço favorável para a semente do evangelho (1Ts 1,4-6). A semente brotou, cresceu, e nasceu a comunidade

“Paulo trabalhou com as próprias mãos e lançou as sementes do evangelho, nascendo aí uma pequena comunidade cristã”

cristã, proporcionando honra, dignidade, fraternidade e esperança para o pequeno grupo de pobres tão sofridos, humilhados e machucados.

Na primeira carta aos Tessalonicenses, Paulo agradece a Deus a fé, o amor e a esperança presentes na comunidade recém-nascida. Até faz um grande elogio: “Tanto que vocês se tornaram modelo para todos os fiéis de Macedônia e Acaia” (1Ts 1,7). Nas entrelinhas da carta, também é possível ver as dificuldades e os problemas da comunidade cristã de Tessalônica:

a) *Perseguição contra a comunidade*: no seu evangelho, Paulo apresentava Jesus crucificado e ressuscitado como Senhor, título reservado ao imperador e ao dono de escravos, pregando um mundo de liberdade, igualdade e fraternidade. A pregação correspondia aos anseios dos pobres escravos, mas, ao mesmo tempo, ameaçava a própria sociedade escravista. Os poderosos tentaram destruir as sementes lançadas na comunidade (1Ts 1,6).

b) *Costumes e cultura*: as cidades com privilégios imperiais, como Tessalônica, por



exemplo, eram marcadas por farras e prazeres. Imoralidade e vida sexual com liberdade sem limite. Era difícil viver na “santidade” cristã, abandonando os costumes fortemente enraizados na vida diária (1Ts 4,1-8).

c) *Diferentes religiões e divindades*: na cidade cosmopolita, a religião ganhava amplo espaço. Era muito comum haver rituais com prática sexual. Por exemplo, a prática é atestada no culto às divindades Dioniso, Afrodite, Osíris e Íris. Para os cristãos de Tessalônica provenientes de outros cultos, era até incompreensível abandonar os ritos com liberdade sexual para servir ao “Deus vivo e verdadeiro” (cf. 1Ts 1,9).

d) *Trabalho braçal*: no dia a dia, os pobres da periferia sofriam com o trabalho braçal pesado. Para eles, era difícil aceitar a proposta de considerar o trabalho manual como “honra” (1Ts 4,11).

e) *Vinda do Senhor*: a comunidade pensava que a vinda gloriosa do Senhor Jesus se realizaria logo e começou a apresentar preocupações e problemas (1Ts 4,13-5,11): os fiéis já falecidos não vão participar desse grande evento? Como a vinda do Senhor era iminente, só se poderia rezar e olhar para o alto? Poderiam até parar de trabalhar?

f) *Vida comunitária*: no mundo helenista, o espírito de busca desenfreada de riqueza, poder, prazer e honra dominava a sociedade. Competição, desigualdade e violência faziam parte da vida diária do povo. Dentro desse ambiente, é difícil viver “em paz uns com os outros”, contribuindo para o bem comum da comunidade, e repartir os bens com os menos favorecidos (cf. 1Ts 5,12-22).

Diante dessas inquietações manifestadas na comunidade recém-nascida, perseguida e ameaçada, Paulo temia que a comunidade abandonasse a semente do evangelho: fé, amor e esperança. Então, ele escreveu imediatamente esta carta, a primeira carta aos Tessalonicenses.

Mulheres à frente de seu tempo Histórias de santas

Vv.Aa.



Vinte e três retratos de santas – Isabel, Petronila, Cecília, Inês, Catarina de Alexandria, Martinha, Ágata, Luzia, Clotilde, Clara de Assis, Rosa, rainha Isabel, Brígida, Catarina de Sena, Rita, Francisca Romana, Joana d’Arc, Teresa de Ávila, Madalena de Canossa, Francisca Cabrini, Bakhita, Teresa de Lisieux, Teresa Benedita da Cruz –, escritos por estudiosos e personalidades de enorme prestígio para o jornal *L’Osservatore Romano*, oferecem um afresco extraordinário e inesperado de coragem, liberdade e autonomia.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Lendo a primeira carta aos Tessalonicenses

Ler a primeira carta aos Tessalonicenses nos faz vibrar com a alegria de Paulo e seus colaboradores. A comunidade, apesar da perseguição e do sofrimento, continua fiel ao evangelho de Jesus crucificado e ressuscitado! No primeiro versículo, de forma breve, há um cabeçalho contendo remetentes, destinatários e uma breve saudação, seguida de extensa ação de graças (1Ts 1,2-10). Paulo e seus colaboradores agradecem a fé, o amor e a esperança vivenciados pela comunidade e anunciam os temas de sua carta, destacando como principal o dia da vinda do Senhor.

Na primeira parte, os missionários relembram o modo como eles exerceram a sua atividade missionária em Tessalônica (1Ts 2,1-12). Em 1Ts 2,13-16, há outra ação de graças pela perseverança dos tessalonicenses. Paulo lamenta o fato de não poder ir à Tessalônica, fala do envio de seu fiel colaborador, Timóteo, que lhe traz boas notícias ao voltar da Macedônia (1Ts 2,17-3,10), e conclui com uma oração de bênção (1Ts 3,11-13).

Na segunda parte da carta (1Ts 4,1-5,11), há dois pedidos: o primeiro – “nós lhes pedimos e encorajamos” a viver uma vida de santidade – apresenta várias exortações sobre a vida cristã, e o segundo é um convite a viver em atitude de ação de graças, seguido de algumas recomendações sobre a vida fraterna (1Ts 5,12-22). Essa carta procura respostas para algumas questões da comunidade: sobre o amor fraterno (1Ts 4,9-12), como será a vinda de Cristo para os fiéis já falecidos (1Ts 4,13-18) e a respeito dos tempos e momentos (1Ts 5,1).

A primeira carta aos Tessalonicenses foi escrita com o coração; mesmo assim, existem alguns problemas literários. Por exemplo, em 1Ts 2,14-16, há afirmações antijudaicas e ex-

pressões não paulinas; outra questão é a organização do texto: 1Ts 4,1-5,11 vem depois de uma longa ação de graças (1,2-3,13), e ainda se pode observar evidências de dois inícios (1,2-10; 2,13-16) e de duas conclusões (3,11-13; 5,23-28).

Eis alguns pontos da carta sobre os quais devemos refletir:

a) Em 1Ts 2,14-16, há uma comparação com a situação dos judeus cristãos da Judeia: ambos sofrem da parte de seus respectivos conterrâneos. O texto afirma que os judeus “mataram o Senhor Jesus e os profetas, e nos perseguiram. Não agradam a Deus e estão contra todas as pessoas” (1Ts 2,15). Podemos

ver a presença de dois temas correntes em relação aos judeus: o primeiro é o da incredulidade de Israel e o segundo é o do antissemitismo das elites romanas, que condenavam os judeus por seu sectarismo: “Querem impedir-nos de pregar às nações para que se salvem” (2,16a). 1Ts 2,14-16 é um acréscimo posterior, e não da autoria de Paulo.

b) 1 Tessalonicenses: uma ou duas cartas? Os estudiosos distinguem duas cartas: na *Carta A* (1Ts 2,13 a 4,2); Paulo e seus colaboradores agradecem a perseverança dos tessalonicenses e, diante da impossibilidade de ir a Tessalônica, enviam Timóteo, que traz notícias da fidelidade da comunidade, encerrando essa parte com uma oração de bênção. A *Carta B* (1Ts 1,1 a 2,12 e 4,3 a 5,28) trata das perseguições e das exigências da vida cristã (1Ts 4,3-12 e 5,12-22); além disso, aborda os temas relativos ao Dia do Senhor (1Ts 4,13 a 5,11). Assim, é possível que originalmente houvesse duas cartas que foram reunidas, formando uma só.

Algumas mensagens importantes

a) Paulo e seus colaboradores destacam alguns critérios para anunciar o evangelho de

“No mundo helenista, o espírito de busca desenfreada de riqueza, poder, prazer e honra dominava a sociedade”



Jesus Cristo: não usar de bajulações, não ser autoritário e não buscar os próprios interesses, mas cuidar uns dos outros como membros de uma verdadeira família. O evangelho de Deus é um evangelho que promove vida em plenitude (1Ts 2,1-12).

b) Mesmo na perseguição, Paulo e seus colaboradores são comprometidos com a vida da comunidade. São solidários, persistentes na oração e se fazem presentes de forma concreta, enviando Timóteo para encorajar e exortar as pessoas a perseverar no seguimento de Jesus. Podemos aprender desses primeiros missionários a importância de fortalecer a solidariedade e a fraternidade (1Ts 2,17-3,13).

c) Vivendo numa sociedade que coisifica o corpo, Paulo e seus colaboradores chamam a nossa atenção para uma vivência que considere o corpo não como objeto de consumo, mas em sua dignidade de Templo de Deus (1Ts 4,1-12).

d) É preciso que os “filhos da luz” sejam vigilantes e atuantes na construção do Reino aqui, pela vida pautada por uma fé ativa, pelo amor – o serviço ao outro – e pela esperança teimosa pela libertação, ou seja, por uma espera ativa (1Ts 5,1-11).

e) A comunidade deve exercer o discernimento profético e o espírito crítico para praticar o bem e buscar a justiça – isso significa viver a santidade. Todos devem evitar o mal, ou seja, a impureza que prejudica a fraternidade e a comunhão da comunidade (1Ts 5,12-22).

Uma palavra final

A leitura da primeira carta aos Tessalonicenses continua sendo para nós um apelo para confiarmos nas pessoas que colaboram em nossa missão. É uma carta endereçada à comunidade cristã de Tessalônica e às pessoas cristãs de todos os tempos. O estudo e a meditação da primeira carta aos Tessalonicenses animam e desafiam as comunidades cristãs de hoje a ser sinais do projeto do

O Apocalipse siríaco de Daniel

Marcus Vinicius Ramos



O Apocalipse siríaco de Daniel é um pouco conhecido pseudoepígrafo cristão posterior ao século VII. A porção mais longa do Apocalipse inclui a visão de Daniel sobre o final dos tempos. Essa visão começa com a revolta dos povos do Norte e culmina com a chegada do Messias, a grande cena do julgamento e o banquete messiânico na Nova Jerusalém. Nesta edição, o leitor encontrará, além do texto integral d' *O Apocalipse siríaco de Daniel*, uma introdução e um comentário ao texto.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





evangelho de “Jesus crucificado” assumido por Paulo, colaboradores e colaboradoras: construtores e construtoras de um reino de justiça, igualdade, fraternidade e, sobretudo,

de solidariedade com as crucificadas e os crucificados de hoje. O desafio nos é lançado: “Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja conosco!” (1Ts 5,28). ●

Bibliografia

(Referente aos três artigos sobre a primeira carta aos Tessalonicenses)

ASCOUGH, R. S. Of Memories and Meals: Greco-Roman Associations and the Early Jesus-Group at Thessalonike. BAKIRTZIS, C.; NASRALLAH, L.; FRIESEN, S. J. (orgs.). *From Roman to Early Christian Thessaloniké: studies in religion and archaeology*. Massachusetts: Harvard University Press, 2010. p. 49-72.

BARBAGLIO, G. *As cartas de Paulo (I)*. São Paulo: Loyola, 1989.

BORTOLINI, J. *Introdução a Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *Como ler a carta aos Romanos*. São Paulo: Paulus, 2004.

CROSSAN, J. D.; REED, J. L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o reino de Deus ao império romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

DONFRIED, K. P. *Paul, Thessalonica, and Early Christianity*. New York: T&T Clark International, 2002.

GREEN, L. G. *The Letters to the Thessalonians*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans, 2002.

HOLLEL, D. G.; SILL, T. D. (orgs.). *After the First Urban Christians: the social-scientific study of pauline christianity twenty-five years later*. New York: T&T Clark International, 2009.

HOORNAERT, E. *Origens do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2016.

HORSLEY, R. A. *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.

LONGENECKER, B. W.; STILL, T. D. *Thinking through Paul: an introduction to his life, letters, and theology*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2014.

MARGUEIRAT, D. (org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009.

MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso: história de um apóstolo*. São Paulo: Paulus, 2008.

NICHOLL, C. R. *From Hope to Despair in Thessalonica: situating 1 and 2 Thessalonians*. New York: Cambridge University Press, 2004.

PEACH, M. E. *Paul and the Apocalyptic Triumph: an investigation of the usage of Jewish and Greco-Roman imagery in 1Thess. 4,13-18*. New York: Peter Lang, 2016.

Folheto O Domingo – um periódico que tem a missão de colaborar na animação das comunidades cristãs em seus momentos de celebração eucarística.

Assine: assinaturas@paulus.com.br



A missão de Paulo apóstolo: anunciar o evangelho (1Ts 2,1-12)

Centro Bíblico Verbo

No tempo de Paulo, o povo sofria com o império romano. “Os romanos roubavam, assassinavam, pilhavam e chamavam o resultado de império; e onde criavam desolação, davam o nome de ‘paz’”, relatou um dos historiadores da época. Um dos meios para controlar o povo era o evangelho.

O Centro Bíblico Verbo está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética comunitária, ecumênica e popular dos textos bíblicos desde 1987, oferecendo diversos cursos sobre a Bíblia: <www.cbiblicoverbo.com.br>.

Introdução

No ano de 2016, na Síria, Bana al-Abed, uma garota de 7 anos, auxiliada por sua mãe, ajudou a descrever, por meio de sua conta no Twitter, a situação de sofrimento vivida por cerca de 250 mil pessoas cercadas desde julho em Aleppo. Os bombardeios são intensos e constantes.

No dia 29 de novembro, postou em sua conta a foto de um prédio muito danificado, com a seguinte legenda: “Essa é a nossa casa, minhas amadas bonecas morreram no bombardeio da nossa casa. Estou muito triste, mas feliz por estar viva”.

Vários dias depois, Bana escreveu que estava doente: “Não tenho remédios, nem casa, nem água potável. Isso me fará morrer antes mesmo de uma bomba me matar”.

“Por que todo mundo não fala, não fala, não fala...?”

De acordo com a ONU, os refugiados sírios somam 4,8 milhões em países vizinhos e 900 mil na Europa. Essa guerra é dinamizada pelos interesses das nações poderosas (Rússia



e Estados Unidos), os impérios de hoje. Pouco importa a vida das pessoas e seu sofrimento.¹ O fornecimento de armas e a manipulação dos meios de comunicação alimentam uma guerra sem fim!

No tempo de Paulo, o povo sofria com o império romano. “Os romanos roubavam, assassinavam, pilhavam e chamavam o resultado de império; e onde criavam desolação, davam o nome de ‘paz’”, relatou um dos historiadores da época. Um dos meios para controlar o povo era o evangelho: “boa-nova”, “boa notícia”. Notícias de interesse do império e decretos do imperador eram apresentados como evangelho. Por exemplo, ele era usado para anunciar o imperador como “filho divino e salvador” por ter estabelecido a paz sobre a terra. Com esses evangelhos, o imperador ditava e moldava o cotidiano do povo dominado para impor e legitimar o poder e a dominação, como também para a cobrança sistemática de impostos, o monopólio do comércio e a implantação da religião e da cultura. O evangelho de Jesus anunciado por Paulo e suas comunidades, ao contrário da versão do império, visava à dignidade das pessoas.

“O evangelho de Jesus anunciado por Paulo e suas comunidades, ao contrário da versão do império, visava a dignidade das pessoas”

1. O evangelho de César Augusto Senhor e o do Senhor Jesus

Os especialistas descobriram e reconstruíram, nas escavações de algumas cidades asiáticas, textos com o termo “evangelho” usado na teologia romana imperial:

Posto que a providência que divinamente determinou a nossa existência dedicou sua energia e zelo para trazer à

vida o mais perfeito bem em Augusto, a quem plenificou com virtudes para o benefício da humanidade, estabelecendo-o sobre nós e nossos descendentes como salvador – ele que terminou com a guerra e trouxe a paz, César, que por sua epifania excedeu as esperanças dos que profetizaram boas-novas (*euaggelia*), não apenas superando os benfeitores do passado, mas não permitindo nenhuma esperança de melhores benfeitores no futuro; e uma vez que o nascimento do deus trouxe ao mundo as suas boas-novas (*euaggelia*), em sua pessoa... (CROSSAN; REED, 2007, p. 222).

Há várias inscrições descobertas que contêm o termo “evangelho” ou “boas-novas”, usado pelo imperador romano César Augusto (27 a.C.-14 d.C.). Nelas, o imperador Augusto, se-

nhor do império e da terra, é proclamado “filho divino” e “salvador”, por ser quem estabeleceu na terra a paz e a salvação definitiva, tanto no passado como no presente e no futuro. Seu nascimento – advento e epifania – é descrito como o único evangelho poderoso!

Assim sendo, sem dúvida, podemos reconhecer que a propagação do evangelho de César Augusto Senhor é uma “arma poderosa” para impor e legitimar o poder e a dominação do império. A legitimação do poder não somente é efetuada pela brutalidade e violência do exército, pela cobrança sistemática do imposto e pelo monopólio do comércio, mas também pela implantação da religião e da cultura promovida pelo império romano.

Por exemplo, uma inscrição relata que o imperador César Augusto, que era também o chefe da religião nacional (“sumo pontífice”), responsável por conservar, zelar e nomear os sacerdotes, construiu 82 templos para res-

¹ <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/03/refugiados-sirios-sao-48-mi-em-paises-vizinhos-e-900-mil-na-europa-diz-onu.html>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

taurar e fortalecer a religião romana. As próprias cidades conquistadas também construíram, em honra dos membros da família imperial, templos e teatros para manifestar sua subordinação ao imperador.

Foi a esse mundo do império romano que se dirigiram os missionários e as missionárias do evangelho do Senhor Jesus Cristo. Apesar de sérios obstáculos e perseguições, as pregações cristãs circularam e ganharam adesões no império: “A Palavra do Senhor ecoou não somente por Macedônia e Acaia, mas a fé que vocês têm em Deus espalhou-se por toda parte” (1Ts 1,8).

A rápida divulgação da mensagem de Jesus se explica, pelo menos em parte, pelo mundo montado pelo império: sua organização social, estradas, correios, pensamento, cultura, religião e teologia. O evangelho do Senhor Jesus Cristo, que nasceu no meio do judaísmo, lançou raízes e cresceu no mundo greco-romano. Por isso, é notável o paralelismo entre a religião do império e a de Cristo.

Descobrimos alguns pontos de contato entre o culto do imperador e o de Cristo; por exemplo, os seguintes termos empregados para ambos: Filho de Deus; Senhor (*Kyrios*); salvador do mundo; Dia do Senhor; epifania; escritos sagrados, evangelho etc. Até o termo “Igreja”, frequentemente empregado para indicar “assembleia” no mundo greco-romano.

Todavia, há uma forte divergência, ou melhor, um conflito entre a religião do império e a de Cristo em termos de “modo de viver”: a religião do império preza “acúmulo e dominação”; a das primeiras comunidades cristãs, “partilha e serviço”.

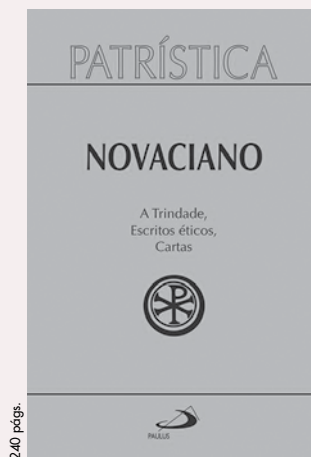
Os exemplos são muitos. Confira e o significado do termo “evangelho”, ao ser empregado por Paulo, o grande missionário do Cristo Jesus Senhor no mundo greco-romano:

a) “E como o anunciarão, se não forem enviados? Como está escrito: ‘Como são belos os pés dos que anunciam boas notícias!’ Mas nem todos obedeceram ao evangelho”

A Trindade, Escritos éticos, Cartas

Volume 37

Novaciano



O presbítero romano Novaciano (200-257) escreveu muitas obras que, por ter sido ele um cismático, quase se perderam por completo. Graças à crítica moderna, Novaciano foi tirado da obscuridade e reconhecido como o primeiro teólogo latino. Este volume, o 37º da consagrada **Coleção Patrística**, traz três de seus escritos fundamentais: *A Trindade, Escritos éticos e Cartas*.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





(Rm 10,15-16a). Paulo adapta o texto de Is 52,7, escrito pelo grupo de “Segundo Isaías”, que exerceu suas atividades entre os desterrados na Babilônia. O evangelho do grupo assegura a todos a vida pela partilha e pela solidariedade (Is 55,1-3), o que Paulo anuncia como “boas-novas”.

b) “Tal serviço será para eles uma prova: e eles agradecerão a Deus pela obediência que vocês professam ao evangelho de Cristo e pela generosidade com que vocês reparam os bens com eles e com todos” (2Cor 9,13). Paulo deixa a evidência de que ser fiel ao evangelho é praticar a fé em Jesus de Nazaré: caridade, solidariedade e partilha em favor dos necessitados.

c) “Pois Cristo me enviou não para batizar, mas para anunciar o evangelho [...]. Os judeus pedem sinais e os gregos buscam sabedoria, ao passo que nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para as nações” (1Cor 1,17.22-23). O evangelho de Jesus Cristo é contrário ao evangelho de César Augusto Senhor. Enquanto o imperador privilegia seus aliados, ricos e poderosos em busca de bens, poder e a paz do império, ou seja, a “pax romana”, o evangelho de Jesus Cristo se alia à classe marginalizada, subvertendo o valor, o conceito e o poder do império: “Deus escolheu o que é insignificante e sem valor no mundo, coisas que nada são, para reduzir a nada as coisas que são. E isso para que nenhuma criatura se glorie diante de Deus” (1Cor 1,28-29).

Paulo semeia o evangelho de Jesus Cristo, que está na contramão do de César Augusto. Ganha adeptos no meio dos trabalhadores explorados, empobrecidos e humilhados nas cidades do império, como Filipos,

Tessalônica e Corinto. Nas comunidades cristãs, eles conseguem recuperar a dignidade e a esperança dentro de uma sociedade basicamente escravagista e, ao mesmo tempo, são intensamente perseguidos pelos defensores poderosos do evangelho de César Augusto: enfrentam “tantas tribulações” (1Ts 1,6).

Uma das cartas de Paulo, que destaca a contraposição entre o evangelho de César e o de Jesus, é a primeira carta aos Tessalonicenses, provavelmente redigida por volta do ano 50 ou 51, em Corinto. Por meio dela, sabemos o objetivo do evangelho de Jesus: fazer com que o reino do Deus da vida esteja presente, de forma histórica, nas comunidades. Coragem, bondade, doação, amor, afeto até de mãe e pai são “ingredientes” do evangelho de Deus, anunciado por Paulo, em 1Ts 2,1-12.

“Paulo semeia o evangelho de Jesus Cristo, que está na contramão do império de César Augusto. Ganha adeptos no meio dos trabalhadores explorados, empobrecidos e humilhados”

2. Deus nos confiou o evangelho

De maneira afetuosa, Paulo e seus colaboradores escrevem à comunidade de Tessalônica. Eles recordam como foram os dias vividos na cidade: “nossa estada entre vocês não foi inútil” (1Ts 2,1). Quando passaram pela cidade, eles tinham sido expulsos de Filipos, sentiam-se desalentados e preocupados; porém, fortalecidos pela presença de Deus, encontraram forças para anunciar o evangelho. Eles afirmam: “nossa pregação não vem de intenções enganosas, de segundas intenções ou trapaças” (1Ts 2,3).

Paulo e seus colaboradores reforçam que sua missão foi dada por Deus: “Deus nos considerou dignos de confiar-nos o evangelho” (1Ts 2,4). No trabalho missionário, não procuram agradecer às pessoas usando palavras de bajulação nem fazem de sua missão um meio para ganhar dinheiro. É possível que ti-

vessem ouvido alguma acusação, pois afirmam que “Deus é testemunha!”. Ou seja, estão querendo que seus destinatários acreditem que eles agem com reta intenção: anunciar o evangelho de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado.

Seguir um Messias crucificado é um escândalo. A mensagem dele é um convite a viver o projeto da justiça e do compromisso com as pessoas que estão à margem do sistema. Aquele que segue Jesus abandona outras práticas religiosas, afasta-se dos cultos do império, e isso provoca a separação dos parentes e vizinhos e também perseguição.

“Vocês se converteram dos ídolos a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro” (1Ts 1,9). O evangelho pregado por Paulo, Silvano e Timóteo é mensagem de vida e de liberdade, tendo como objetivo devolver a dignidade às pessoas. É contrário ao evangelho de César e não visa enganar, agradar às pessoas, bajular, ganhar dinheiro ou procurar elogios.

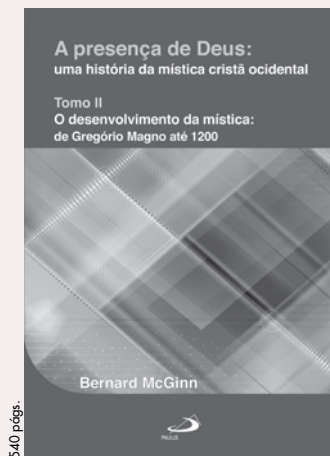
O evangelho de Jesus Cristo é contrário ao método do império romano, que usa de violência. Paulo e seus companheiros pregam o evangelho com carinho de mãe: “Nós nos comportamos entre vocês com toda a bondade, qual mãe acariciando os filhos” (1Ts 2,7). Nesse sentido, os missionários se colocam na mesma trilha dos antigos profetas, Oseias e Isaías, que recordam o amor incansável, gratuito e incondicional de Deus por seu povo: “eu os atraía com laços de bondade, com cordas de amor” (Os 11,4; Is 49,14-16).

E os missionários vão além em sua expressão de afeto e ternura: “Tínhamos tanto carinho por vocês que estávamos dispostos a dar-lhes não somente o evangelho de Deus, mas até a nossa própria vida, tão amados vocês se tornaram para nós” (1Ts 2,8). Paulo e seus colaboradores se apresentam como pai e mãe. O amor ressuscita. Quando amamos, não medimos esforços em vista do crescimento das pessoas. Em várias ocasiões, presenciemos essa atitude em Paulo; em 1Cor

A presença de Deus: uma história da mística cristã ocidental

Tomo II – O desenvolvimento da mística: de Gregório Magno até 1200

Bernard McGinn



540 págs.

O volume retoma a história da mística ocidental de 500 a 1200 d.C. A Parte I aborda o período que vai até 1100, com o monarquismo dominante no mundo pós-romano; a parte II trata do desenvolvimento da tradição mística monástica no século XII, época do mais rico desenvolvimento da tradição mística monástica do Ocidente. Líderes religiosos como Ruperto de Deutz, Hildegarda de Bingen e Joaquim de Fiore também são estudados no volume.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





4,15, ele afirma: “Porque, ainda que vocês tivessem dez mil pedagogos em Cristo, não teriam muitos pais, pois fui eu que gerei vocês pelo evangelho em Cristo Jesus”. Ou ainda: “Meus filhos, por vocês eu sofro de novo as dores do parto, até que Cristo se forme em vocês” (Gl 4,19).

No contexto greco-romano do século I, o trabalho manual, em geral, era considerado função de escravos. Os pregadores e missionários do evangelho de Jesus mergulharam no mundo dos trabalhadores pobres e escravos, a maioria da população. Também não queriam ser um peso para ninguém nem ficar atrelados ao sistema de patronato. Eles fizeram de tudo para preservar a liberdade do anúncio do evangelho: “Noite e dia trabalhando para não sermos de peso para nenhum de vocês, nós assim lhes proclamamos o evangelho de Deus” (1Ts 2,9; cf. 1 Cor 9,1-18).

Mais uma vez, Paulo, com seus colaboradores, recorda sua integridade no anúncio do evangelho e, como um pai, exorta a comunidade a viver uma vida digna: “Nós exortamos e encorajamos vocês, e testemunhamos para que levassem uma vida digna de Deus, que os chama para seu Reino e glória!” (1Ts 2,12). E assim o desafio nos é lançado: como missionárias e missionários, vivamos uma vida reta, assumindo com amor de pai e mãe as pessoas com as quais trabalhamos. Amor gerador de outras vidas!

3. Paulo, sua missão, afeto, força e estratégia

Quantas viagens com perigos em rios, perigos de ladrões, perigos por parte de compatriotas meus, perigos por parte das nações, perigos na cidade, pe-

rigos no deserto, perigos no mar, perigos por estar entre falsos irmãos! Quanta fadiga e trabalho duro, quantas noites sem dormir, com fome e sede! Quantos jejuns, com frio e sem roupa! E, além de tudo, minha preocupação cotidiana, o cuidado que tenho por todas as igrejas! (2Cor 11,26-28).

Paulo desempenhou um papel importante na missão evangelizadora dos primeiros cristãos. Ao longo de onze anos, de 46 a 57, empreendeu três viagens missionárias, andando pelo interior da atual Turquia e ao longo da faixa litorânea da Grécia, na região do mar Mediterrâneo. Eram jornadas árduas, feitas a pé ou de navio.

Nessa andança, Paulo estabeleceu comunidades em quatro províncias do império: Galácia, Ásia, Macedônia e Acaia. Acompanhou pessoalmente a caminhada delas por meio de visitas, cartas e colaboradores, divulgando o evangelho até os confins do império romano. A influência de Paulo é indiscutível: “O cristianismo, tal como existe hoje, deve muito a ele”.

O trabalho de Paulo é incansável, talvez por crer na iminência da *parúsia* do Senhor Jesus. Mas a realização de sua importante obra missionária na construção da Igreja primitiva é moldada por certa força espiritual, formação e estratégia bem pensada e refletida:

a) *O amor de Cristo*: “tudo o que para mim era lucro, agora considero como perda, por amor de Cristo” (Fl 3,7). O fariseu Paulo se converte à salvação pela graça e amor de Jesus Cristo, deixando a salvação pela observância da lei. Ele põe sua vida inteiramente a serviço de Jesus. Uma vida movida pelo amor de Cristo: “E já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).



b) *Formação helenista*: “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1). Paulo viveu em Tarso, uma cidade grande, conhecida por abrigar escolas filosóficas. O estilo de vida da cidade grega (os esportes, a arte, a cultura etc.) influenciou e formou Paulo como um judeu mais aberto para o mundo do que seus irmãos na Palestina. Ele foi o grande missionário no meio dos não judeus!

c) *Infraestrutura*: Roma, capital de um império sem precedentes, com mais de 1 milhão de habitantes e com o contínuo ir e vir de produtos e de pessoas: autoridades, exércitos, comerciantes, carteiros, escravos, pregadores de muitos cultos que percorriam a rede de hospedarias, rotas e estradas. Paulo, missionário e viajante, foi um dos que se beneficiaram dessa infraestrutura do império romano para irradiar o evangelho com maior facilidade.

d) *Cidades estratégicas*: Paulo procurou as cidades importantes daquele tempo, nas quais fundou uma base para ampliar a difusão do evangelho. Transformou, por exemplo, Éfeso em sua base para espalhar as sementes do evangelho nos interiores da Ásia e da Galácia. A cidade de Éfeso, como Tessalônica e Corinto, era também conhecida por ser portuária, oferecendo maior facilidade de viagem (1Cor 16,5-9).

e) *Trabalho manual e opção pelos pobres*: “Noite e dia trabalhando para não sermos de peso para nenhum de vocês” (1Ts 2,9). Com seu trabalho manual, Paulo mergulhou na vida dos escravos, que constituíam até dois terços da população nas cidades do império romano. Inserido no mundo do trabalho no qual a sociedade escravista explorava as pessoas, ele pregou e defendeu não só a dignidade humana, mas também uma nova ordem social: “Não há escravo nem livre” (Gl 3,28). Uma opção pelos pobres, exigindo a justiça, liberdade, fraternidade!

f) *Casa*: “Áquila e Priscila, com a igreja que se reúne na casa deles” (1Cor 16,19). No

mundo greco-romano, a casa, de modo geral, possuía uma loja ou oficina na frente e uma acomodação de moradia no fundo. Para Paulo, fabricante de tenda, a oficina era a base estável de contatos e reuniões. Aí nasceu a comunidade (igreja, congregação, assembleia). A casa era, para os primeiros cristãos, o espaço acolhedor e missionário de partilha e de celebração.

g) *Liderança*: “Nós lhes pedimos, irmãos, que tenham consideração por aqueles que se afadigam entre vocês, aqueles que os dirigem no Senhor e os aconselham” (1Ts 5,12). Paulo incentivou a formação e a autonomia da liderança local na vida da comunidade após sua saída. Eram pessoas que conheciam a própria realidade e tinham a confiança da comunidade com ampla rede de contatos sociais.

h) *Participação de todos*: “Portanto, encorajem-se uns aos outros e se edifiquem mutuamente, como, aliás, vocês já estão fazendo” (1Ts 5,11). Paulo encorajava seus fiéis a se envolverem nas atividades pastorais. Esperava que compartilhassem todos os aspectos das necessidades pastorais da comunidade: “Carreguem o peso uns dos outros, e assim vocês cumprirão a lei de Cristo” (Gl 6,2).

i) *Cuidado afetivo*: “Meus filhos, por vocês eu sofro de novo as dores do parto, até que Cristo se forme em vocês” (Gl 4,19). Em suas cartas, Paulo, como mãe e pai, expressa seus afetos e preocupações para com seus filhos e filhas na fé (1Ts 2,7-8.11; 1Cor 3,1-3; 4,14). Com relacionamento maternal e paternal, ele acompanha a vida da comunidade, encorajando-a (1Ts 2,11-12) e exortando-a (1Ts 5,12-22). Um relacionamento pastoral constante, próximo e afetivo!

j) *Carta*: “Peço-lhes encarecidamente que esta carta seja lida a todos os irmãos” (1Ts 5,27). O correio era o meio de comunicação mais avançado e organizado do império. A cada trinta quilômetros havia postos de troca



de cavalos e de pessoas para agilizar a entrega das cartas. Por meio delas, Paulo não só acompanhou as comunidades, mas também sintetizou suas ideias e orientações pastorais. É a importância dos “meios de comunicação”.

k) *Preocupação com as necessidades das comunidades que não foram fundadas por ele:* é bem conhecido o afeto de Paulo por suas comunidades de fundação (1Ts 2,11). Contudo, ele se preocupou também com as necessidades de seus irmãos e irmãs de outras comunidades. Por exemplo, ele enviou Tito a Corinto para organizar a coleta para os pobres de Jerusalém (2Cor 8,6).

l) *Trabalho comunitário:* “Paulo, Silvano e Timóteo à Igreja dos tessalonicenses, em Deus nosso Pai e no Senhor Jesus Cristo” (1Ts 1,1). Paulo não viajava nem trabalhava sozinho. Sempre acompanhado pelos colaboradores, empreendeu várias viagens missionárias e organizou as comunidades. Encorajou a responsabilidade compartilhada na pastoral! Timóteo, por exemplo, foi enviado a Corinto para lembrar à comunidade as “normas de vida em Cristo Jesus” (1Cor 4,17). Um trabalho pastoral realizado de forma coletiva!

m) *Relacionamento afetivo e familiar:* “Recomendo a vocês nossa irmã Febe, diaconisa da igreja de Cencreia, para que a recebam no Senhor de modo digno, como convém a santos” (Rm 16,1). Nas saudações pessoais em Rm 16, transparecem os afetos e as preocupações de Paulo com muitas pessoas. Ao longo de sua vida missionária, ele cultivou o relacionamento afetivo e familiar com seus colaboradores e colaboradoras, o que sustentou sua árdua atividade missionária.

Nos primeiros anos do movimento de Jesus, Paulo foi uma personagem importante. Propagou o evangelho de Jesus crucificado e

ressuscitado para lugares distantes, como a Ásia Menor, Grécia e até Roma. Seu trabalho na evangelização e construção das comunidades é tão grande que muitos estudiosos lhe atribuem o título de um dos fundadores do cristianismo.

Paulo foi missionário audaz de Jesus Cristo, com suas viagens, perigos, perseguições, sofrimentos, comunidades e, sobretudo, várias cartas (1Ts, Fl, 1 e 2Cor, Fm, Gl, Rm). Nelas se explica, em parte, por que Paulo conseguiu realizar tão importante obra missionária: paixão por Jesus e pelo povo; infraestrutura do império; trabalho manual com inserção no mundo dos pobres, associação, comunidades em casa, formação de liderança, trabalho comunitário; participação de todos; relacionamento afetivo e familiar etc. A missão não foi uma atividade espontânea, mas fruto de uma ação pastoral bem refletida e planejada.

“Paulo propagou o evangelho de Jesus crucificado e ressuscitado para lugares distantes, como a Ásia Menor, Grécia e até Roma”

4. Uma palavra final

Dois mil anos se passaram. A realidade da Igreja não é mais a de Paulo. O movimento cristão, por exemplo, foi apropriado pelo império romano em 313: a construção de templos e basílicas no lugar da casa, uma Igreja triunfalista, com um clericalismo excludente e uma liturgia ritualista, entre outros.

A religião imperialista persiste até hoje, e o mundo dos pobres explorados e humilhados também. Quais recomendações Paulo faria hoje às nossas igrejas e comunidades? É importante dialogar, a partir da nossa realidade e da experiência de vida, com Paulo, apaixonado pelo evangelho de Jesus crucificado e ressuscitado e pelo povo: “Tínhamos tanto carinho por vocês que estávamos dispostos a dar-lhes não somente o evangelho de Deus, mas até a nossa própria vida” (1Ts 2,8). ●



A vinda do Senhor: “Fiquemos sóbrios com a fé, o amor e a esperança” (1Ts 5,8)

Shigeyuki Nakanose, svd

O termo “vinda”, ou “parúsia”, referente à chegada do Senhor, é usado quatro vezes na primeira carta aos Tessalonicenses. Esse é o principal ponto teológico tratado na carta. Quase toda a carta está orientada para a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo.

*Shigeyuki Nakanose: religioso verbita, assessor do Centro Bíblico Verbo, leciona no ITESP (São Paulo).
E-mail: shigenakanose@ig.com.br

Introdução

São João Bosco era italiano e viveu no século XIX. Ele tinha uma creche para crianças pobres. Numa tarde, os meninos estavam jogando bola e ele à beira do campo, assistindo. E o padre João resolveu fazer um teste com os garotos.

Chamou um, que passava perto dele, e perguntou: “Se você soubesse que daqui a meia hora você iria morrer, o que faria?”. O menino levou um susto, pensou e disse: “Eu ia para a capela rezar”. “Está bem, pode continuar jogando”, disse o padre.

Minutos depois, chamou outro e fez a mesma pergunta. Este também ficou confuso e disse: “Eu ia me confessar”.

Chamou um terceiro, que disse: “Eu ia pedir perdão à minha mãe”. Chamou um quarto garoto e lhe fez a mesma pergunta: “Se você soubesse que daqui a meia hora você iria morrer, o que faria?”. Este respondeu com naturalidade: “Eu continuaria jogando!”.



Esse último chamava-se Domingos Sávio. Ele morreu criança, foi canonizado e é o padroeiro dos coroinhas.¹

No tempo de Paulo, a pequena comunidade de Tessalônica passava por perseguição: “tantas tribulações” (1Ts 1,6). Uma vida ameaçada! Por isso, é muito compreensível que a comunidade esperasse ansiosamente pela vinda do Senhor, o dia da salvação. E alguns membros só rezavam e olhavam para o alto, inclusive até parando de trabalhar e de ajudar os outros. Qual era a orientação de Paulo e seus colaboradores para a comunidade?

1. A vinda do Senhor

Que o mesmo Deus da paz santifique vocês completamente. Que o espírito, a alma e o corpo de vocês se conservem íntegros e irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Quem chama vocês é fiel, e é ele quem agirá. Irmãos, rezem por nós. Saúdem todos os irmãos com o beijo santo. Peço-lhes encarecidamente que esta carta seja lida a todos os irmãos. Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com vocês (1Ts 5,23-28).

O termo “vinda”, ou “parúsia”, referente à chegada do Senhor, é usado quatro vezes na primeira carta aos Tessalonicenses (cf. 1Ts 2,19; 3,13; 4,15; 5,23). Esse é o principal ponto teológico tratado na carta. Quase toda a carta está orientada para a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo: “Pois quem é nossa esperança, nossa alegria, a coroa de glória, senão vocês diante de Jesus nosso Senhor no dia de sua vinda? Sim, são vocês a

nossa glória e alegria” (1Ts 2,19); “E que ele fortaleça o coração de vocês numa santidade sem falhas diante de Deus, nosso Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus com todos os seus santos” (1Ts 3,13).

Na língua grega, o termo “parúsia”, de *pareimi*, possui diferentes sentidos: estar presente, estar aqui, apresentar-se, visitar ou chegar. É usado tanto para a manifestação ou a vinda da divindade na terra, em ocasião de cultos e festas, quanto para a chegada de um rei ou imperador, que é considerado a encarnação da divindade, como no caso de César Augusto, o filho de Deus. No mundo do império romano da época de Paulo, o termo “parúsia” aparece na terminologia da chegada ou visita de generais conquistadores, autoridades importantes, acima de tudo do imperador, às cidades submetidas ao seu império.

A chegada do imperador romano era uma ocasião muito especial para as cidades do império, tanto no tempo da guerra (advento ameaçador de julgamento) quanto no tempo de paz (fortalecimento da *pax romana*). Sua entrada triunfal na cidade era marcada por grande celebração popular, festividades aristocráticas e honras de sacrifícios e cultos divinos. A honra para o imperador, acompanhado de seu cortejo, manifestava-se sobretudo na saudação da autoridade e do povo nas portas abertas da cidade, como sinal de submissão. Certamente, esse evento de pompas solenes exigia tremenda preparação.

Segundo os pesquisadores, o conceito e a imagem da parúsia do imperador serviram para Paulo ao pregar e escrever sobre a segunda vinda do Senhor Jesus para julgar e governar o mundo. Na primeira carta aos Tessalonicenses, lemos: “Porque o próprio Senhor, ao soar uma ordem, descerá do céu à voz do arcanjo e ao toque da trombeta” (1Ts

“Quase toda a primeira carta do apóstolo Paulo aos tessalonicenses está orientada para a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo”

¹ Cf.: <www.catequisar.com.br/mensagem/contos/01/msn_152.htm>. Acesso em: 28 jan. 2017.



4,16). Refere-se à grandiosidade do cortejo do Senhor Jesus com os anjos! Paulo, assim, descreve a parúsia, ou a segunda vinda do Senhor, com as cores da festa celestial, projetadas pelas festividades conhecidas nas cidades do império romano.

Em seu escrito aos tessalonicenses, Paulo parece contar com a possibilidade da parúsia iminente do Senhor Jesus: “Porque eles mesmos contam como vocês nos acolheram, e como se converteram dos ídolos a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro, e para esperar dos céus o seu Filho, que ele ressuscitou dos mortos: Jesus, que nos livra da ira futura” (1Ts 1,9-10). Como a tradição do Antigo Testamento, essa vinda é o dia do Senhor: julgamento e castigo contra os infiéis e alegria e triunfo para os fiéis:

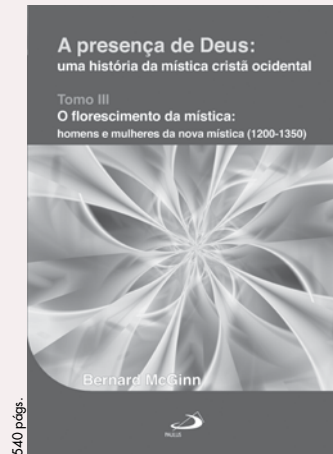
Então vocês hão de se converter e verão a diferença que existe entre o justo e o ímpio, entre um que serve a Deus e outro que não lhe serve. Vejam! O Dia está para chegar, ardente como forno. Então os soberbos e todos os que cometem injustiça serão como palha. Quando chegar o Dia, eles serão incendiados – diz Javé dos exércitos. E deles não vão sobrar nem raízes nem ramos. Mas, para vocês que temem a Javé, brilhará o sol da justiça, que cura com seus raios. E vocês todos poderão sair pulando livres, como saem os bezeros do curral. Vocês pisarão os maus como poeira debaixo da sola de seus pés, no Dia que estou preparando – diz Javé dos exércitos (Ml 3,18-21).

Paulo assume a teologia do Dia de Javé e coloca Jesus no lugar de Javé. Será o dia do Senhor Jesus Cristo. A vinda messiânica do Senhor do céu à terra com toda a sua glória e poder, como as visitas festivas dos senhores imperadores. Um dia de alegria e triunfo dos cristãos! O dia da libertação e o fim da opressão do império! Mas quando chegará esse dia

A presença de Deus: uma história da mística cristã ocidental

Tomo III – O florescimento da mística: homens e mulheres da nova mística (1200 – 1350)

Bernard McGinn



O ano de 1200 marca um dinâmico ponto crucial na história da mística cristã. As novas formas de vida religiosa causaram o ímpeto por uma “nova mística”, cujo influxo prossegue até hoje. O florescimento da mística documenta o animado diálogo entre homens e mulheres que possibilitou a riqueza da mística nos séculos XIII e XIV.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





feliz? Está próximo? Como acontecerá isso? Perguntas e dúvidas pairavam sobre a comunidade cristã de Tessalônica. Uma das principais perguntas girava sobre os cristãos já falecidos: alguns já tinham morrido de causa natural; outros, martirizados na perseguição. O que aconteceria com eles? Não iriam participar da parúsia porque estariam ausentes quando da vinda do Senhor? Paulo afirma:

Irmãos, não queremos deixá-los sem saber das coisas que se referem aos que adormeceram, para que vocês não fiquem tristes como os outros que não têm esperança. De fato, se acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus levará consigo aqueles que adormeceram em Jesus. Por isso é que lhes dizemos, segundo a palavra do Senhor: “Nós, os viventes, os que ainda estivermos aqui por ocasião da vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que adormeceram” (1Ts 4,13-15).

Jesus, morto e ressuscitado, e os cristãos têm o mesmo destino final: como ressuscitou Jesus, Deus fará o mesmo com os cristãos já falecidos. Eles serão ressuscitados e participarão da parúsia ou irão ao encontro do Senhor Jesus Cristo glorioso. Além disso, os cristãos falecidos ressuscitarão primeiro; em seguida a eles se juntarão os vivos: “Então, os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro” (1Ts 4,16).

Mas por que Paulo fez essa afirmação de que os cristãos falecidos se encontrarão primeiro com o Senhor Jesus? Ao conhecer a visitação formal das autoridades, como a do imperador, por exemplo, a resposta parece clara. Chegando pela estrada principal a uma cidade, a autoridade imperial visitava os túmulos situados na entrada da cidade, para

prestar homenagem aos mortos. Ou seja, os mortos eram visitados antes dos vivos. Com essa metáfora da visitação imperial, Paulo afirmou que, “então, os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro”.

Quanto aos vivos, Paulo continua: “Depois nós, os viventes que estivermos lá, seremos levados nas nuvens junto com eles, para o encontro com o Senhor nos ares. E assim estaremos para sempre com o Senhor” (1Ts 4,17). Com a descrição característica da esperança apocalíptica (trombeta, descida do céu, nuvens), Paulo descreve o “arrebamento” dos vivos, levados para o encontro do Senhor, sobre as nuvens. No mundo simbólico das correntes apocalípticas, eles estarão junto com o Senhor nos “ares”. Agora, surge uma pergunta: onde vão ficar para sempre com Jesus Cristo no mundo de realidades históricas? Onde fica o reino de Deus?

Nas cartas paulinas, Paulo usa a expressão “reino de Deus” em sete passagens: 1Ts 2,10-12; Gl 5,21; 1Cor 4,20; 6,9-10; 15,24; 15,50; Rm 14,17. Certamente, Paulo entende que o reino de Deus vai ser realizado no futuro, mas, ao mesmo tempo, afirma que o reino de Deus já está presente no meio das pessoas comprometidas com Jesus crucificado e ressuscitado.

“Nós exortamos e encorajamos vocês, e testemunhamos para que levassem vida digna de Deus, que os chama para seu Reino e glória” (1Ts 2,12).

a) “Porque o Reino de Deus não consiste em palavras, mas em ação” (1Cor 4,20).

b) “Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, e sim justiça, paz e alegria no Espírito Santo. Quem serve a Cristo nessas coisas, agrada a Deus e tem a estima das pessoas. Busquemos, assim, as coisas que trazem a paz e a edificação mútua” (Rm 14,17-19).

“Paulo assume a teologia do Dia de Javé e coloca Jesus no lugar de Javé. Será o dia do Senhor Jesus Cristo”



A “edificação mútua” é a construção da comunidade cristã, onde Deus se manifesta. A comunidade cristã deve ser a presença do reino de Deus de forma social: o mundo transformado pela vida digna, justiça, paz e alegria no Espírito do Senhor Jesus Cristo crucificado e ressuscitado. Por isso, as outras passagens de Paulo, que enfatizam mais a chegada do reino de Deus no futuro, exigem dos cristãos a “ação concreta” de edificar e transformar a comunidade em pureza e santidade:

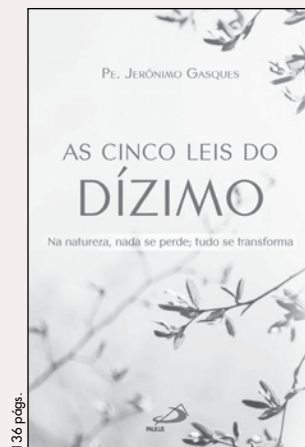
E as obras da carne são bem conhecidas: união ilegítima, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, inimizades, briga, ciúme, raiva, discussões, discórdias, sectarismos, invejas, bebedeiras, farras e coisas semelhantes a essas. A respeito delas eu já lhes falei, e volto a preveni-los: os que praticam tais coisas não terão como herança o Reino de Deus. O fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, bondade, generosidade, fé, humildade e domínio de si mesmo (Gl 5,19-23; cf. 1Cor 6,9-10; 15,50).

De acordo com Paulo, filho do seu tempo, os cristãos devem edificar a comunidade na vida cotidiana. Ela deve ser o sinal da presença do reino de Deus antecipado, no qual o Senhor Jesus reina no lugar do imperador romano. Como a chegada festiva dos reis, imperadores e autoridades importantes às cidades, a vinda final do Senhor deve acontecer, com as saídas festivas dos cristãos ao encontro do verdadeiro Senhor e o retorno com ele ao mundo transformado pela justiça e pela paz. É assim que alguns pesquisadores comentam a vinda do Senhor em 1Ts 4,16:

A metáfora da parúsia como visita estatal dá a entender que os que correm para aplaudir o governador que está chegando voltarão com ele para as alegrias da festa da cidade. Assim também com

As cinco leis do dízimo Na natureza, nada se perde; tudo se transforma

Pe. Jerônimo Gasques



O dízimo é o bálsamo que alivia a comunidade cristã, é como o leme de um grande barco que é a Igreja, a âncora com que se firmam os grandes desafios da comunidade cristã. O livro propõe resgatar a proposta da Palavra de Deus sobre o dízimo e descobrir quão maravilhoso é ser dizimista fiel, para que a comunidade tenha o suficiente para se manter sem a necessidade de festas e promoções.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Cristo. Provavelmente, Paulo subentendia que todos desceriam para habitar a terra purificada. A parúsia do Senhor não tinha nada a ver com a destruição da terra e a consequente transferência para o céu, mas com o mundo no qual a violência e a injustiça seriam transformadas em pureza e santidade (CROSSAN; REED, 2007, p. 160-161).

Paulo, que esperava a vinda final de Cristo para muito breve, não estava pregando a parúsia do Senhor como as destruições cósmicas apocalípticas, mas como as transformações definitivas do mundo pela justiça e pela paz, nas quais as pessoas estariam em comunhão eterna com o Senhor Cristo Jesus e entre si. Os fiéis deveriam ser os promotores desse mundo pela edificação da comunidade cristã: a presença antecipada do reino de Deus.

Na realidade, essa visitação final exorta e fortalece a fé e a esperança, capazes de encorajar os fiéis diante da perseguição e da morte. Ao mesmo tempo, a esperança pela visitação final do Senhor se torna inquietação e angústia: “quando” da chegada. E não será imprevisível. Além disso, Cristo é que chegará para concluir a história humana, presidir o juízo final e estabelecer a salvação final. A inquietação pelo Dia do Senhor aumenta no meio dos cristãos de Tessalônica, e Paulo responde a essa inquietação em 1Ts 5,1-11.

2. “Fiquemos sóbrios, revestindo a armadura da fé e do amor, e o capacete da esperança da salvação”

A espera da vinda do Senhor é o tema que perpassa a primeira carta aos Tessalonicenses (1Ts 1,10; 2,19; 4,16; 5,23). Muitos

dos que acreditaram no anúncio dos apóstolos morreram; por isso, havia muita inquietação por parte de algumas pessoas da comunidade sobre qual seria o destino delas. É bem provável que os missionários tenham falado sobre a ressurreição dos mortos. No tempo dos apóstolos, a crença positiva a respeito da vida após a morte era uma convicção somente das elites. A mensagem de Paulo e seus colaboradores restabeleceu essa esperança para todas as pessoas.

A respeito da indagação sobre aqueles que acreditaram em Jesus Cristo e já morreram, Paulo afirma que Deus é fiel e não permitirá que a esperança dos fiéis, vivos ou mortos, seja em vão: “Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os viventes que estivermos lá, seremos levados nas nuvens junto com eles, para o encontro com o Senhor nos ares” (1Ts 4,16c.17).

A perseguição e o sofrimento fazem a comunidade esperar ansiosamente pela chegada imediata do Senhor. Os apocalípticos tinham como preocupação básica o fim dos tempos: “Quando

essas coisas acontecerão?” (Dn 12,6). No Antigo Testamento, o Dia do Senhor é compreendido como o dia do julgamento (Is 2,12-22; Jr 46,10; Ez 30,2-3; Am 5,18-20; Ml 3,13-21), porém, nas primeiras comunidades cristãs, tornou-se uma referência ao dia da vinda de Jesus Cristo (cf. 1Cor 15,23; 2Pd 3,10; Ap 3,3; 16,15).

Diante das possíveis indagações dos tessalonicenses sobre a hora desses acontecimentos, ouvimos a seguinte resposta: “Vocês sabem muito bem que o Dia do Senhor virá como um ladrão à noite” (1Ts 5,2). De acordo com os ensinamentos, o dia e a hora são incertos; por isso, é preciso assumir uma atitude de constante vigilância (cf. Mt 24,43;

“A perseguição e o sofrimento fazem a comunidade esperar ansiosamente pela chegada imediata do Senhor. Os apocalípticos tinham como preocupação básica o fim dos tempos”



2Pd 3,8-10). Para reafirmar a necessidade de uma espera ativa e confiante, Paulo usa as imagens de “ladrão” e “parto de mulheres”, que eram comuns para expressar situações inesperadas e de sofrimento. A vivência da fé, da esperança e do amor sustenta a comunidade e a prepara para o Dia do Senhor (cf. 1Ts 1,2-3; Fl 4,2-9).

Dirigindo-se aos fiéis, Paulo afirma que eles já saíram da ignorância e não precisam ter medo, pois estão preparados (1Ts 5,4). Conforme a linguagem da época, Paulo usa as imagens de luz e trevas, contrapondo assim salvação e condenação, bem e mal. A livre adesão ao evangelho garante aos fiéis a salvação, ou seja, a participação no Reino estabelecido por Jesus Cristo.

É preciso que os “filhos da luz” (cf. Is 58,8; Mt 5,14-16) estejam alertas: “não fiquemos dormindo como os demais. Fiquemos sóbrios e acordados” (1Ts 5,6). A exortação de Paulo dirige-se a todos os fiéis, inclusive a si mesmo. O que significa estar vigilante? Trata-se de uma vida pautada por uma fé ativa, pelo amor – serviço ao outro – e pela esperança (cf. 1Ts 5,3.8). Crer, amar e esperar sintetiza a vida em Cristo. Os termos opostos, luz e escuridão, identificam os que creem e os que não creem. No versículo 8, há uma forte convocação para que os cristãos revistam a armadura da fé e do amor, e o pacote da esperança da salvação (cf. Is 59,17; Sb 5,17-23; Ef 6,14-17).

A partir da convicção de Paulo e seus colaboradores, o projeto de Deus é a salvação para todos os que creem em Jesus Cristo: “Ele morreu por nós, para que, acordados ou dormindo, vivamos com ele” (1Ts 5,10). Os acordados são os que estiverem vivos no dia da vinda do Senhor; os que estão dormindo são os mortos. A garantia da salvação futura para os fiéis em Cristo é o fato de que ele se entregou por nós: “De fato, se quando éramos inimigos de Deus fomos reconciliados com ele por meio da morte do seu Filho,

Pastoral do Dízimo Formação para agentes e equipes paroquiais

Cristovam Lubel



Este livro, em sua primeira parte, reflete sobre o dízimo como contribuição generosa para a evangelização; na segunda parte, propõe celebrações que reavivam e aprofundam o que foi refletido. O objetivo da obra é que as nossas comunidades se tornem, de fato, dizimistas-evangelizadoras.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





muito mais agora, reconciliados, seremos salvos por meio da sua vida” (Rm 5,10).

Essa passagem conclui com uma exortação aos fiéis: “encorajem-se uns aos outros e se edifiquem mutuamente, como, aliás, vocês já estão fazendo” (1Ts 5,11). A convocação para “edificar-se mutuamente” é importante para o fortalecimento e permanência do grupo, como aparece também na carta aos Coríntios (cf. 1Cor 14,12.17.26). Ao edificar-se uns aos outros, a comunidade de Tessalônica está realizando as mesmas atitudes de Paulo e de seus colaboradores (1Ts 2,11-12). É no amor mútuo que se constrói a vida fundamentada em Cristo crucificado e ressuscitado: “espera ativa”. Eis o nosso desafio hoje, especialmente no contexto da sociedade individualista em que vivemos. É preciso apostar e acreditar num projeto que tenha como objetivo o bem comum: “Fiquemos sóbrios com a fé, o amor e a esperança”.

3. O fariseu Paulo e sua adesão ao Messias crucificado e ressuscitado: “espera ativa”

Em imagens noturnas, tive esta visão: entre as nuvens do céu vinha alguém como um filho de homem. Chegou perto do Ancião e foi conduzido à sua presença. Foi-lhe dado poder, glória e reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram. O seu poder é um poder eterno, que nunca lhe será tirado. E o seu reino é tal que jamais será destruído (Dn 7,13-14).

O livro de Daniel descreve a vinda do Filho do homem, contraposto às quatro feras: “As quatro feras enormes são os quatro reinos que surgirão na terra. Porém, os

santos do Altíssimo é que receberão o reino e o possuirão para sempre” (Dn 7,17-18). No contexto do livro de Daniel, escrito no segundo século a.C., quando o povo de Israel estava sendo perseguido, as quatro feras representam os quatro impérios perseguidores do povo de Israel (Babilônia, Medo, Pérsia, o império de Alexandre Magno e de seus sucessores).

“A partir da convicção de Paulo e seus colaboradores, o projeto de Deus é a salvação para todos os que creem em Jesus Cristo”

Na visão apocalíptica, as quatro feras serão mortas e desaparecerão diante do Filho do homem, que simboliza os “santos do Altíssimo”, os israelitas fiéis. Ele vai entre ou com as nuvens até Deus, representado sob os traços de um ancião, será entronizado como rei poderoso e seu reino não terá fim. É a fé que sustenta a esperança do povo fiel em crise.

Na tradição judaica posterior, o Filho do homem torna-se o representante e o modelo do povo fiel dos santos e é identificado com o messias davídico:

Veja, Senhor, e levanta-lhes o rei deles, filho de Davi, para reinar sobre Israel, seu servo, no tempo que escolheste, Deus. Guarneceste-o com o poder para destruir os governantes injustos, para purificar Jerusalém dos gentios que a pisaram para destruir; para expulsar com sabedoria e justiça os pecadores da herança; para abater a arrogância dos pecadores como a jarra do oleiro; para quebrar com vara de ferro toda a substância deles; para destruir as nações ímpias com a palavra de sua boca; para fazer as nações fugirem da sua face ameaçadora, e expor os pecadores pela palavra de seus corações: e ele juntará um povo santo, a quem dirigirá com justiça. E ele julgará as tribos do povo santificado pelo Senhor Deus deles (Salmos de Salomão 17,21-26).



Os Salmos de Salomão (dezoito salmos) são um apócrifo do Antigo Testamento, escrito provavelmente pelo grupo dos fariseus, por volta de 50 a.C. Seu conteúdo é messiânico, apresentando a ação salvífica do rei messias, da estirpe davídica, pelo povo santo de Israel.

Nesses salmos, os fariseus, que pregam a salvação pela observância das leis e dos ritos – circuncisão, sábado, jejum –, apresentam o messias que salva os puros e santos e condena os impuros e pecadores. Ele mesmo é puro e livre de pecado: “Ele próprio será purificado dos pecados, a fim de governar um grande povo, para lançar ao opróbrio os governantes e remover os pecadores pelo poder da palavra” (Salmos de Salomão 17,36).

Além disso, havia a mentalidade de que o messias sem pecado não morreria nunca! Por quê? Segundo a tradição judaica da época, a morte entrou na humanidade pelo pecado, provocada pela inveja do diabo: “Porque Deus criou o ser humano para a imortalidade e o fez à imagem da sua própria eternidade. Pela inveja do diabo, porém, a morte entrou no mundo, e aqueles que a ela pertencem a experimentam” (Sb 2,23-24). Apresenta-se um messias sem pecado e sem morte!

Em suma, os judeus acreditavam que o messias, rei davídico, viria para estabelecer um reinado definitivo de Israel. Sobretudo para o grupo de fariseus, a condição principal do messias era ser puro, justo e santo, como representante do povo santo de Israel no fim dos tempos. Um messias rei davídico e defensor da lei, que seria santo e eterno!

Sem dúvida, essa visão do messianismo dos fariseus deixou Paulo, um fariseu, em crise: como acreditar num messias crucificado e morto? Ele mesmo afirma: “Os judeus pedem sinais, e os gregos buscam sabedoria, ao passo que nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para as nações” (1Cor 1,22-23). Além do

Ideias fundamentais

Movimento de Cursilhos de Cristandade



232 págs.

Este livro, terceira edição de Ideias fundamentais do Movimento de Cursilhos de Cristandade, pretende ser instrumento da unidade na diversidade, pois contém o essencial, aquilo que permite reconhecer, em todo o mundo, o rosto deste maravilhoso instrumento de Evangelização. A edição é uma tradução adaptada aos nossos usos e costumes, em uma linguagem familiar e acessível a todos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





mais, Jesus critica a lei da pureza: ele vive no meio dos marginalizados, toca leprosos (Mc 1,32-42), come com os pecadores (Mc 2,15) e acolhe a mulher impura (Mc 5,25-34). São gestos e atitudes que desafiam a imagem do messias como defensor da pureza e da santidade, esperado pelos fariseus (Mc 7,1-7).

Pergunta-se então: como o fariseu Paulo aderiu ao movimento cristão, acreditando no Messias crucificado, Jesus de Nazaré, e o anunciando? Um Messias impuro e condenado à morte pelas autoridades religiosas da época, inclusive pelos fariseus. Por que motivo Paulo fez a passagem do messias rei davídico ou messias defensor da lei da pureza para o Messias crucificado? Da mudança ou conversão, ele mesmo fala num trecho da síntese do seu ensinamento, escrito em Fl 3,1-16. Na primeira parte, Paulo apresenta a sua posição anterior, no judaísmo:

E se alguém pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado no oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus. Quanto à lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça que há na lei, sem reprovação (Fl 3,4-6).

Os fariseus insistem na observância da lei do puro e do impuro e nos ritos – circuncisão, sábado, jejum – como caminho necessário de salvação. Quem é justo é aquele que observa a lei da pureza segundo a teologia da retribuição, a teologia oficial consolidada, por volta de 400 a.C., pelos teocratas, as autoridades religiosas (cf. os livros de Ne, Esd, Lv etc.). Para eles, Deus é único, poderoso e castigador e enviará o messias puro e santo, defensor da lei da pureza, para estabelecer o

tribunal e determinar a salvação para todos. A missão dos fariseus, então, é eliminar a impureza e acentuar a santidade do povo para apressar a intervenção de Deus, no juízo final. E assim também Paulo, um fariseu, zeloso pela lei e perseguidor dos cristãos, que era considerado um grupo impuro.

No entanto, no contato com o movimento de Jesus de Nazaré – partilha, doação e fraternidade –, Paulo toma outro caminho de salvação: o Messias crucificado e a teologia da gratuidade:

“A salvação é a gratuidade de Deus pela fé em Cristo Jesus e em seu caminho: por amor de Cristo, conhecer Cristo, ganhar Cristo e ser encontrado nele.”

Mas tudo o que para mim era lucro, agora considero como perda, por amor de Cristo. Mais que isso. Considero tudo como perda, diante do bem superior que é o conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor. Por causa dele perdi tudo, e considero tudo como lixo, a fim de ganhar Cristo e ser encontrado nele. E isso não

tendo mais como justiça minha aquela que vem da lei, mas aquela que vem de Deus e se baseia na fé. Quero, assim, conhecer a Cristo, o poder da sua ressurreição e a comunhão nos seus sofrimentos, assumindo a mesma forma da sua morte, para ver se de alguma forma alcanço a ressurreição dentre os mortos (Fl 3,7-11).

A salvação é a gratuidade de Deus pela fé em Cristo Jesus e em seu caminho: *por amor de Cristo, conhecer Cristo, ganhar Cristo e ser encontrado nele*. O conhecimento íntimo da pessoa de Cristo leva o cristão a participar da vida, dos sofrimentos e da morte de Cristo Jesus. Era necessária a comunhão com a paixão, a morte e a ressurreição do Messias crucificado! A morte aparece no caminho que Jesus de Nazaré escolhe! Vejamos as palavras de Paulo:

a) “Pois Deus não nos destinou para a ira, e sim para possuímos a salvação por meio de



nosso Senhor Jesus Cristo. Ele morreu por nós, para que, acordados ou dormindo, vivamos com ele” (1Ts 5,9-10).

b) “Antes de tudo, transmiti a vocês aquilo que eu mesmo recebi: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras” (1Cor 15,3).

c) “Pois entre vocês eu decidi não saber nada além de Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado” (1Cor 2,2).

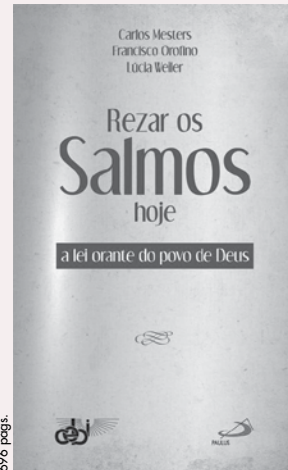
d) “Com efeito, pela lei eu morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo. E já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim. E a vida que vivo agora na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim. Não torno inútil a graça de Deus. Porque, se a justiça vem através da lei, então Cristo morreu inutilmente” (Gl 2,19-21).

Paulo não pregou Jesus como o messias rei davídico poderoso nem como o defensor da lei do puro e do impuro, mas sim como o Messias crucificado. Jesus caminhou para a cruz: “Abba, Pai! Para ti tudo é possível. Afasta de mim este cálice. Porém, não o que eu quero, mas o que tu queres” (Mc 14,36). A cruz de Jesus é o resultado da sua fidelidade à missão do Pai e compromisso com seus irmãos até o fim. É o resultado do que ele pregou e do que ele fez: “Eu, Javé, chamei você para a justiça, tomei-o pela mão, e lhe dei forma. E o coloquei como aliança de um povo e luz para as nações, para você abrir os olhos dos cegos, para tirar os presos da cadeia, e do cárcere os que vivem no escuro” (Is 42,6-7; cf. 52,13-53,12). É a figura do Messias Servo!

E é exatamente por Jesus ter testemunhado esse amor até o fim, até a cruz, que Paulo verá na cruz a exaltação de Jesus como Servo de Javé e o caminho da salvação: “Quanto a mim, que eu nunca me vanglorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo. Por meio dele, o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo. Pois

Rezar os Salmos hoje A lei orante do povo de Deus

Carlos Mesters, Francisco Orofino e Lúcia Weiler



696 págs.

O objetivo deste livro é ajudar você a rezar os Salmos como o prato de cada dia, pois a oração dos Salmos nos leva em direção a Deus. Afinal, rezar os Salmos é rezar a Deus com a Palavra de Deus. Nos Salmos transparecem os traços do rosto de Deus, o Pai de Jesus Cristo. Rezamos os Salmos para que “Deus seja tudo em todos!” (1Cor 15,28).

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





nem a circuncisão nem a incircuncisão valem nada, e sim a nova criatura. E a todos os que seguem esta regra, que a paz e a misericórdia estejam sobre eles e sobre o Israel de Deus” (Gl 6,14-16).

4. Uma palavra final

No contexto do imperialismo romano, Paulo pregou Jesus crucificado e ressuscitado e ousou caminhar contra a corrente e com a proposta de justiça do “Servo sofredor”. Quase dois mil anos se passaram, mas o imperialismo continua encarnado em muitas “feras”,

devorando as pessoas inocentes com guerra, exploração, fome, violência. Até as Igrejas, com seu Cristo triunfalista e legalista, servem para conservar as feras do presente.

É o que se pode dizer, nessa realidade, acerca de nossa missão à luz da vida e das mensagens de Paulo, o fariseu, sua adesão ao Messias crucificado, a vinda do Senhor e a comunidade como o reino antecipado de Deus. Pois a palavra de Paulo permanece: “Nós, que somos do dia, fiquemos sóbrios, revestindo a armadura da fé e do amor, e o capacete da esperança da salvação” (1Ts 5,8). ●



DOCAT
Como agir?

320 páginas

DOCAT
Como agir?

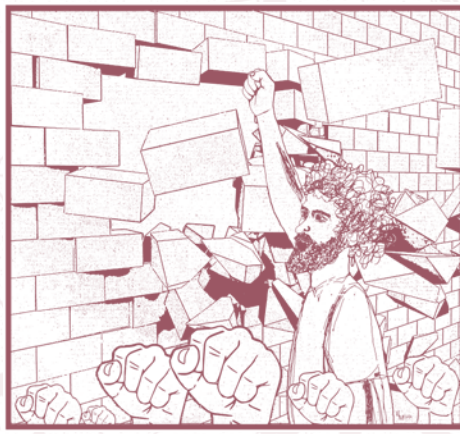
Com prefácio do Papa Francisco

O *DOCAT* é a tradução popular da Doutrina Social da Igreja feita especialmente para você. Este guia é um presente e um apelo do Papa Francisco a todos os jovens que acreditam no poder do Evangelho para mudar o mundo. Faça parte do sonho do Papa!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

   editorapaulus


PAULUS



O Cerco de Jericó: uma crítica

Guillermo D. Micheletti

Numa sociedade praticamente descristianizada, com pobres iniciativas para viver profunda vida de oração e adoração, não faltam os oportunistas [também católicos] para transformar a religião em lucrativo mercado, alimentando os fiéis cristãos com a fanática obsessão de superficiais devoções. Aqui e acolá surgem grupos que negligenciam as normas da Igreja, promovem “mirabolantes” adorações do Santíssimo Sacramento, desconectadas do mistério pascal da eucaristia; entre estas podemos colocar o chamado “Cerco de Jericó”.

*Presbítero argentino da Diocese de Santo André. Pároco da Igreja Jesus Bom Pastor. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Catequetas (SBCat) e SCALA. Autor de vários livros de catequese e liturgia. E-mail: gdmiche@terra.com.br

Introdução

Em certa ocasião, um grupo me pediu para organizar um “Cerco de Jericó” (CdJ). Perguntei o que é era. Disseram que se tratava de um encontro de adoração com missa e que geralmente, após a missa, se realizava uma procissão com o Santíssimo ao redor do povo, com cantos, súplicas e clamores: cada dia acrescentando-se uma volta, até completar sete. Como no relato bíblico da queda das muralhas de Jericó, hoje, no CdJ, vão “caindo” todas as muralhas que atrapalham a vida humana: carência, depressão, encostos, bruxarias, despachos, falta de dinheiro, brigas em família etc. Então, pedi que fizessem uma pesquisa bíblica para esclarecer melhor o fato... Passado um tempo, o grupo veio me dizer que “tinha desistido” de realizar o encontro porque a pesquisa não lhes dera uma resposta convincente; parecia que o tal cerco de Jericó “não tinha acontecido como descrito na Bíblia”. Eu, já ciente disso, decidi então escrever este artigo, a modo de contribuição.

1. O que é o Cerco de Jericó?

Um pouco de história

Sobre o Cerco de Jericó, CdJ, não se tem história muito documentada. Parece que come-



çou na Polônia, como preparação para a visita do papa João Paulo II a Cracóvia. Em 8 de maio de 1979, decidiram organizar práticas piedosas; uma delas foi chamada de Cerco de Jericó.

Diz-se que uma piedosa mulher polonesa teve a inspiração de organizar um momento forte de oração mariana em preparação para a visita papal. A preparação contou com o reforço de um congresso sobre o rosário, em Jazna Gora. Foram sete dias e seis noites de rosários consecutivos diante do Santíssimo Sacramento.¹

Em que consiste o Cerco de Jericó?

O CdJ é uma oração de “arrebanhamento comunitário (e extracomunitário)” baseada na saga de Josué na conquista de Jericó. Consiste em uma semana “incessante de batalha espiritual”, com a intensificação de orações em grupo: terços e preces da Palavra. O coração é a missa diária, acompanhada, em seguida, da procissão com o Santíssimo Sacramento. Em ocasiões, acrescentam-se práticas como a confissão, jejum e muitas imprecações.

A exemplo do relato bíblico, os articuladores do CdJ direcionam o pensamento para “cercar os inimigos” com orações e louvores, esperando Deus atuar em favor do grupo. É preciso perseverar e persistir durante os sete dias.

Espera-se “derrubar as muralhas” com a força da oração, com a ciência de que o Espírito Santo é capaz de derrubar, destruir e aniquilar as “forças malignas”. O terço de Nossa Senhora e os clamores diante do Santíssimo vão “quebrando” os alicerces das nossas muralhas. Acredita-se que “muitas curas e libertações acontecem”: portas que estavam fechadas se abrem, crises conjugais e econômicas superadas, doen-

ças e tantos outros problemas solucionados. Mas o mais importante é o poder de Deus se derramando sobre o povo.

2. O que sabemos da Jericó bíblica?

Jericó, em hebraico *y^erihō* (cidade da lua), em grego *ierichō*, é quase a cidade mais antiga do mundo, situada na depressão do rio Jordão, 23 quilômetros a nordeste de Jerusalém. O nome deriva provavelmente de um deus pagão:

yrh = *deus-lua*, traduzido como *Jericó* pelos membros do clã dos *binu-yamina* (1800 a.C.).

O lugar é um grande oásis irrigado por três fontes: a principal, a fonte de Eliseu dos peregrinos (2 Reis 2,19-22); a segunda, alguns quilômetros a noroeste; a terceira, um pouco ao sul. Jericó era ao mesmo tempo um lugar agrícola, comercial e estratégico; daí a notável importância

em diversos momentos da história bíblica e cultural da região.

3. Como se estruturou o relato bíblico da “queda das muralhas”?

A ciência bíblica diz que a formação dos livros da Bíblia resulta da complexa convergência de *três elementos* conhecidos dos biblistas. Comentaremos todos e aplicaremos ao tema das muralhas.

1º elemento. Na pesquisa dos acontecimentos “históricos” da multissecular história do povo bíblico, entram conjuntamente vários aspectos. O que se entende por “história bíblica”? Deve-se entender por experiências pessoais: (personagens, patriarcas, profetas, Jesus, os apóstolos) e coletivas (vida do povo, formas de viver, de se exprimir, batalhas, lutas, doenças, acontecimentos, nações, estados), nas quais se inclui também a cultura (patrimônio jurídico: leis, conjunto de insti-

¹ Cf. <www.rccbrazil.org.br/artigo.php?artigo=697>. Acesso em: 3 maio 17.



tuições civis e religiosas, monarquias, impérios, governadores, escribas, sacerdotes do templo, fariseus; tradições, lendas, parábolas, narrações míticas etc). Isto é, *uma história feita de homens*, com tudo o que isso implica de bom e de ruim, de correto e de impreciso.

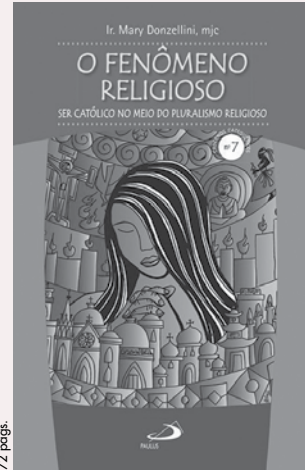
Apliquemos isso ao texto de Josué 6,1-19: o fato narrado no texto deu-se por volta de 1200 a.C., quando os israelitas chegaram à Palestina, a terra prometida. Jericó foi a primeira cidade inimiga com a qual se defrontaram: cidade muito bem organizada, com um rei, com serviços de inteligência (Josué 2,2) e um exército bem apetrechado; os israelitas, pelo contrário, um bando desorganizado de tribos e clãs que vinha fugindo da escravidão do Egito.

A respeito “das muralhas”, sabe-se que as múltiplas pesquisas arqueológicas não observam restos de muralhas caídas nesse tempo. A pesquisa mais expressiva, organizada entre 1952-1959 pela arqueóloga Kathleen Kenyon, nada deixou sem averiguação. Graças a essa aprimorada investigação, foi possível traçar quase toda a história e a fisionomia da(s) cidade(s) mais antiga(s) do mundo. Foram descobertas muralhas de defesa, construídas cerca de 8000 a.C. (2 m de largura, uma torre de 9 m de altura e 8 m de diâmetro). Outras interessantes descobertas estabeleceram que, na verdade, existiram “muitas Jericós”, no mínimo 17. Pois aquela região de Jericó foi tomada, saqueada, queimada, destruída e abandonada em inúmeras ocasiões. Foi finalmente destruída em 1550 a.C. para nunca mais voltar a reerguer-se.

Então, quando o grupo de Josué chegou à região, aproximadamente no ano de 1200 a.C., havia 350 anos que Jericó “já não existia”. Provavelmente moraram ali pequenos grupos seminômades, empobrecidos, com uma precária organização social e política, e grupos chegados do Egito (o grupo de Josué), acreditando no todo-poderoso Javé, ter-se-iam infiltrado aos poucos na vida desses povoados e, com pouco esforço, os teriam vencido e subjugado.

O fenômeno religioso Ser católico no meio do pluralismo religioso

Ir. Mary Donzellini, mjc



Este Caderno Catequético abre excelentes perspectivas para os que se empenham em ser católicos no meio do pluralismo religioso. É um ótimo subsídio para a formação dos catequistas frente às manifestações religiosas que marcam profundamente nossa sociedade.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





2º elemento. É a interpretação teológica e sapiencial dos fatos ou a mensagem religiosa/espiritual dos eventos para o bem do povo que culmina normalmente numa “história” que se concretiza, no decorrer do tempo, numa forma concreta de literatura: livros.

O que de fato aconteceu, podemos lê-lo no relato bíblico de Josué 6,1-19. O mais importante é que a conquista de Jericó foi um acontecimento militar essencial para afirmar o sentido social e religioso de todo o povo de Israel, já que abriu as portas para a conquista da Palestina. O relato bíblico é uma construção literária montada por motivos religiosos e teológicos (processo muito complexo) para deixar bem manifesto que “as promessas de Javé não falham”: a terra prometida seria posse do povo eleito.

Aplicando ao texto: a exegese bíblica diz que a história de Josué foi codificada de modo amplo ao longo de muitos séculos: do século X ao I a.C. A redação definitiva da conquista de Jericó corresponde aos escritos pós-exílicos dos séculos VI e V a.C.

3º elemento. A literatura bíblica surge das “histórias” acolhidas como mensagem de amor e amizade que Deus quis comunicar aos homens e mulheres de todos os tempos. Essa literatura plasmada em gêneros literários permite individualizar as linhas teológicas dessa história até chegarmos a uma correta percepção da “mensagem” de Deus. É claro que a mensagem permanece o escopo final de uma caminhada que exige tempo, boa vontade e fadiga (BISSOLI, 2002, p. 18-19).

Teologicamente, sabe-se que muitos anos depois (no mínimo 700/800) esses relatos da entrada na terra prometida foram escritos. Ao chegar e achar tudo derrubado, veio à tona a pergunta: quem derrubou as muralhas e entre-

gou para nós a cidade? A resposta da teologia diz: tudo isso foi obra de Javé, que abriu o caminho e facilitou a entrada na terra que ele mesmo prometeu; acontecimento jubilosamente festejado liturgicamente com orações e rezas acompanhadas de trombetas e gritarias.

Finalmente, o relato ficou imortalizado no capítulo 6º de Josué, inspirando-se provavelmente na procissão que todos os anos o povo realizava desde o santuário vizinho de Guilgal² até as ruínas, para comemorar a “inesquecível” conquista.

“A devoção da adoração eucarística fora da missa desenvolveu-se entre os séculos IX e XIII, como resultado do gravíssimo empobrecimento na compreensão da dimensão plena e integral da celebração eucarística”

4. O que diz a Igreja sobre a finalidade da adoração eucarística fora da missa

A devoção da adoração eucarística fora da missa desenvolveu-se entre os séculos IX e XIII, como resultado do gravíssimo empobrecimento na compreensão da dimensão plena e integral da celebração eucarística. Por

vários motivos, a Igreja abandonou os processos de iniciação à vida cristã para adultos e deu início ao batismo de crianças (*païdo-bautismo*) de forma massiva, o que originou um agudo empobrecimento bíblico e teológico da população e resultou na deturpação do mistério eucarístico como um “todo dinâmico celebrativo”. Assim, a eucaristia “polarizou-se” em “isolada devoção”, fora do contexto da celebração do mistério pascal. A sensibilidade do povo devotou-se à exagerada acentuação da “presença real” de Cristo na hóstia consagrada, valorizada “em si mesmo”, desligada do contexto celebrativo, fa-

2 Guilgal (em hebraico, círculo de pedra): santuário ao noroeste da cidade de Jericó. Naquele tempo, lugar de peregrinações frequentes. Foi nesse santuário que Josué colocou doze pedras tiradas do Jordão como memorial da milagrosa intervenção de Javé (Josué 4,20-24).



zendo com que de fato resultasse uma “visão coisificante/rígida” da realidade sacramental.

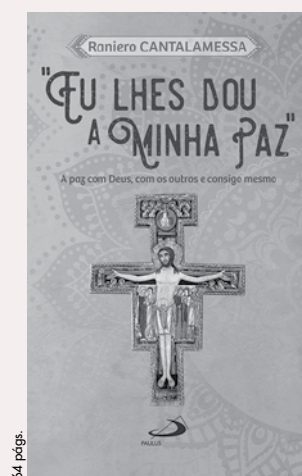
O que aconteceu? Ao longo dos séculos, a exposição do Santíssimo Sacramento foi se separando totalmente do acontecimento celebrativo, sobrepondo-se, por vezes, às mesmas celebrações. Por exemplo, durante a missa, ficava o Santíssimo exposto acima do sacrário. Pela grave ausência de uma correta iniciação ao mistério eucarístico, o povo já não entendia a liturgia em língua latina e ficava ainda mais afastado da comunhão sacramental. O povo não mais compreendia o sentido da celebração eucarística e ficava apenas com uma superficial (quando não supersticiosa) devoção “à presença real de Cristo na eucaristia”.

A adoração eucarística se dirige a Cristo, realmente presente na espécie eucarística do pão conservada no sacrário após a celebração. De que forma Cristo está presente nesse dom? Os símbolos de sua presença manifestam que ele aparece diante de nós de uma *maneira especial*; presente sob as espécies eucarísticas como “encarnação de seu louvor eucarístico”; bênção (*beraká*) que se concentra, por assim dizer, em sua pessoa, verdadeiro “acontecimento de salvação”: no pão e no vinho eucaristizados, Cristo está presente como “louvor eucarístico”, personificação dele, anamnese vivente da obra salvífica. Ele continua, como “presença oblativa”, como dom para nós, como permanente convite a consumi-lo, isto é, a participarmos extasiados e agradecidos em seu louvor, em seu sacrifício, em seu caráter de servo de Javé. A sua presença espera uma resposta de acolhida; resposta de fé em Cristo.

a) *Comunhão como atitude fundamental.* Quando o cristão se coloca na presença do pão eucaristizado, faz isso “aproximando-se” dele para acolher o “Dom” que o convida a participar no sacrifício de louvor. Assim, a primeira atitude será de *comunhão*; comunhão que, na celebração eucarística, é cume da vida cristã, pois o sacrifício de Cristo não pode ficar isola-

“Eu lhes dou a minha paz” A paz de Deus, com os outros e consigo mesmo

Raniero Cantalamessa



Quando falamos de paz, somos levados a pensar quase sempre numa paz horizontal: entre os povos, as raças, as classes sociais, as religiões. A Palavra de Deus nos ensina que a paz primeira e mais essencial é, ao contrário, a vertical, entre o céu e a terra, entre Deus e a humanidade. Dela dependem todas as outras formas de paz.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





do, sem ligação com a vida cotidiana do cristão. Todo o direcionamento do cristão que participa da eucaristia (e da adoração) abrange todos os aspectos da comunhão: louvor, adoração, participação no sacrifício, súplica. A comunhão é – e o reiteramos – a atitude fundamental da oração eucarística, entendida como “real participação no memorial da paixão, morte e ressurreição do Senhor”.

b) *Caráter eclesial da adoração eucarística.* Graças à celebração eucarística, os cristãos se unem e participam do mesmo memorial da ceia, recebendo o pão eucarístico, comungando do mesmo Corpo e Sangue de Cristo e constituindo juntos seu Corpo místico que é a Igreja. Assim, a presença eucarística de Cristo não é presença estática, é “presença em ação”, dinâmica, para plasmar a vida da Igreja toda. Pois não tem sentido de modo algum considerar a presença em si mesma, separada do ato, por meio do qual a Igreja, pela comunhão no sacrifício sacramental, une a própria oferenda à de Cristo, cujo poder de apresentação ao Pai recebeu. Por isso, a intenção da Igreja, ao conservar a eucaristia após a missa, responde ao desejo de “prolongar”, “completar”, de algum modo, o sacrifício de Cristo em alguns de seus membros (CDC, cânon 938 §1 e 2).

Omitir a consciência de eclesialidade na adoração eucarística fora da missa é, na verdade, “caminhar contra a vontade da mesma Igreja”. Cristo está presente na eucaristia para selar e constituir entre Deus, seu Pai, e os homens uma aliança eternamente nova e vital. Pois a eucaristia é o sacramento da amizade/aliança entre Deus e os homens, e da amizade que os une como sacramento da fraternidade. É preciso amadurecer nos adoradores a consciência de que Cristo está presente sobretudo para a edificação da Igreja, seu Corpo místico.

Infelizmente, partindo de um grave des-

conhecimento do sentido mistagógico da celebração eucarística, pensa-se erroneamente que a falta de insistência na adoração fará com que esmoreça o sentido da presença de Cristo no pão eucaristizado; com isso, volta-se “quase desesperadamente à insistência da adoração”, incorrendo-se nos exageros da época

medieval e esquecendo-se dos preciosos princípios conciliares sobre a eucaristia.

Com efeito, não obstante se saiba que a missa não é a hora oportuna para a adoração do Santíssimo, age-se completamente “fora de lugar” quando se coloca a hóstia num ostensório e se percorre o interior da Igreja (e até sete vezes, como no CdJ), não raro acompanhado de uma balbúrdia que impede penetrar o sentido do

mistério, fazendo com que o povo continue tão vazio como entrou, ou pior (cf. TABORDA, 2013, p. 3-8).

Por outra parte, se perguntamos à ciência litúrgica sobre a importância da adoração eucarística do ponto de vista da “densidade sacramental do mistério pascal”, ela nos dirá que a adoração “não aparece como primeira categoria”. Pois, sobre a ordem de importância das ações litúrgicas segundo a densidade do mistério pascal celebrado, diz: primeiro a celebração eucarística, como a maior e privilegiada densidade sacramental que nos conduz ao mistério pascal, depois os sacramentos e a Liturgia das Horas; a seguir, a celebração da Palavra, as bênçãos sacramentais, as exéquias e consagrações; depois vem a adoração ao Santíssimo Sacramento.

Conclusão

Evangelizar não se reduz a vender um produto religioso que agrada ao cliente e lhe dá satisfação espiritual, mas, numa sociedade desfocada do sentido cristão da vida, sem capacidade para uma profunda vida de oração

“Omitir a consciência de eclesialidade na adoração eucarística fora da missa é, na verdade, “caminhar contra a vontade da mesma Igreja”



e adoração, os oportunistas transformaram a religião em lucrativo mercado, e os fiéis em consumidores de seus produtos. Alimentam nos fiéis o medo, a insegurança, a obsessão fanática por devoções; grupos que negligenciam as normas da Igreja, promovendo “espetaculares” momentos de adoração ao Santíssimo Sacramento desconectados do mistério pascal da eucaristia; novenas e devoções desligadas do compromisso comunitário, cultos televisivos marcados pelo espetáculo, shows narcisistas; venda do sagrado e promoção de emoções descontroladas; gritaria em vez de silêncio, práticas quase mágicas em vez da sobriedade evangélica; obsessão por milagres e fatos extraordinários, em vez do serviço discreto, silencioso e permanente aos pobres e a todos.

Procura exacerbada do aspecto curativo e subjetivo da religião, esquecendo o principal – a dimensão profética a serviço da vida e da justiça – para constituir-se em caminho de subjetiva alienação. Deus não pode ser transformado em “objeto de desejos pessoais”, assim como a religião não pode reduzir-se a “prosperidade material”, saúde física e realização afetiva. Já conhecemos a ação dos “mercadores da boa-fé”, das “igrejas-pedágio”, do mercado do religioso (o segundo produto mais rentável do capitalismo). Buscas sinceras por respostas a perguntas legítimas sendo instrumentalizadas por expertos do mercado religioso, deformando gravemente a visão de vida cristã. Sem dúvida, atrás dessas iniciativas existem, não poucas vezes, manifestações até patológicas.

Percebe-se que a desleixada atitude diante do imponente mistério eucarístico exposto à adoração não responde a uma saudável e construtiva oração contemplativa. Pessoas desejosas de entrar na intimidade com o Senhor ficam desiludidas e enganadas, cultivando uma visão depauperada do mistério eucarístico da Igreja.

Na verdade, estão em jogo duas concepções diametralmente opostas de ser humano.

Nova etapa **A educação da fé com** **adolescentes**

lr. Mary Donzellini, Ivani de Oliveira e Mário Meireles



Este novo Caderno Catequético apresenta o catequizando-adolescente do século XXI: quem é, onde está e como vive. De maneira didática, o lançamento traz um panorama da diversidade e de como trabalhar com esse público.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Ou queremos aquele “deus” que o nosso egoísmo projeta, que vive de ter, poder e aparecer, ou optamos por Jesus, que revela a face do amor: partilha, serviço, humildade. Um Deus “diferente”, no estilo de Jesus. Pois poderemos ser salvos se nos tornarmos discípulos de Jesus, que é dom de si até a morte de si.

O cristianismo não nasceu de forma fanática, pois teria deturpado a beleza da fé original, tornada doença e desvio patológico, levando as pessoas a viver uma religião de vernizes, de superficialidade; transformando os fiéis em funcionários obedientes e sem raciocínio, distantes dos pobres e das causas do reino de Deus, acreditando enfim numa caricatura de Deus, esvaziada de uma autêntica vivência religiosa. A vida cristã não é uma busca epidérmica e apressada de satisfação... não é um “oculta-vazio” ou um alívio emocional para sociedades à beira de um ataque de

nervos. É uma fascinante aventura que nos radica na verdade nua do homem e na verdade de Deus.

Os promotores de uma caridade sem ação social transformadora, ingênua, anticristã, humilhante e ofensiva aos pobres apostam em saídas milagreas, na beleza insípida das celebrações, em assembleias festivas sem contemplação, abusos sacramentais e melado devocionismo. Os símbolos cristãos não são atos de magia e não nos distanciam do concreto, do cotidiano da vida; ao contrário, eles apenas querem antecipar, no rito, a eternidade na precariedade do presente.

Até aqui, minhas palavras.

Agora o discernimento. Deixemos de lado o que nada tem a ver com a beleza do cristianismo para sermos livres com a liberdade dos discípulos de Jesus, cultivadores de uma fé amorosa, bondosa, misericordiosa, inteligente e nobre, bela e profunda. ●

“Pessoas desejosas de entrar na intimidade com o Senhor ficam desiludidas e enganadas, cultivando uma visão depauperada do mistério eucarístico da Igreja”

Bibliografia

- ALTEMEYER, F. O fundamentalismo é uma doença. *O Mensageiro de Santo Antônio*, Santo André, n. 587, p.10-13, set. 2015.
- BISSOLI, C. *Viaggio dentro la Bibbia*. Leumann: Elledici, 2002.
- JERICÓ. In: DICCIONARIO de la Biblia. Santander: Mensajero/Sal Terrae, 2012. p. 412-413.
- MAZAR, A. *Arqueologia na terra da Biblia. 10.000-586 a.C.* São Paulo: Paulinas, 2003. p. 322-327.
- POIRÉ, M.-J. “Voici le pain, voici le vin, pour le repas et pour la route...”. Quelques enjeux liturgiques et pastoraux de la pratique de l’adoration eucaristique. *Lumen Vitae*, n. 3, p. 309-320, jul/set. 2009.
- RAMOND, S. Giosuè há conquistato Canaan. *Il mondo della Bibbia*, n. 121, p. 20-21, jan./fev/ 2014.
- TABORDA, F. Valorizar o sentido mais profundo da eucaristia: entrevista com Pe. Francisco Taborda, sj. *Vida Pastoral*, n. 291, p. 3-8, jul/ago. 2013.
- TAGLE, L. A. L’adoration authentique. *Lumen Vitae*, n.3, p. 291-298, jul./set. 2009.
- VALDÉS, A. A. Como caíram as muralhas de Jericó? _____. *Que sabemos sobre a Bíblia?* Aparecida: Santuário, 1997. p. 49-58 v. 3.
- _____. Como foi a misteriosa conquista da terra prometida? _____. *Que sabemos sobre a Bíblia?* Aparecida: Santuário, 2001. p. 19-29. v. 5.

Roteiros homiléticos

Também na internet:
vidapastoral.com.br

* Aíla L. Pinheiro de Andrade, nj
– graduada em Filosofia e em Teologia. cursou mestrado e doutorado em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE (MG). Atualmente, leciona na pós-graduação em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP. É autora do livro *Eis que faço novas todas as coisas – teologia apocalíptica* (Paulinas). E-mail: aylanj@gmail.com



Aíla L. Pinheiro de Andrade, nj*

22º Domingo do Tempo Comum

3 de setembro

“Vosso amor vale mais do que a vida” (Sl 62,4)

I. Introdução geral

O Filho do homem está disposto a morrer não porque o sofrimento agrada a Deus, mas por amor à vida que é de todos. O sofrimento somente tem sentido quando é fecundo, quando é consequência de uma luta em prol do bem e contra o mal, pois é assim que o sofrer de um traz vida plena a outros. Um sofrimento que é compaixão pelos que sofrem, que é solidariedade com as vítimas do egoísmo e do pecado. É nisso que se traduz a entrega na cruz.

Cristo anuncia aos discípulos que vai dar a própria vida e o fará para que todos possam ter a vida em plenitude. Os se-



guidores de Jesus têm, portanto, que estar dispostos a iniciar um caminho de entrega generosa da vida, a exemplo de seu Mestre.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 16,21-27): "Renuncie a si mesmo" (Mt 16,24)

Jesus irá a Jerusalém para doar a própria vida, não para conquistá-la pelas armas nem para reinar em lugar do imperador romano, como pensavam os discípulos.

Em Jerusalém, os líderes religiosos da época consideravam Jesus perigoso e, em nome da lei e dos costumes, perseguiram-no até a morte. Jesus andarà na contramão desses líderes religiosos, não revidará violência com violência; sua luta de combate ao mal será uma luta pacífica, pois usará a arma do amor.

Jesus não veio impor seu projeto pela força nem usar em seu favor as armas da violência e da guerra. Jesus não quer morrer na cruz, mas tem de estar disposto a morrer na cruz – é isso que deseja fazer os discípulos entender. Jesus sabe e declara aos discípulos, no momento central de sua vida, que será crucificado em Jerusalém. Ele mostra que aceita as consequências daquilo que praticou e ensinou. Está consciente do perigo pelo qual passa e não quer que os discípulos considerem sua morte uma fatalidade, um acidente inesperado, mas consequência do seu modo de viver.

Contudo, Pedro tenta corrigir Jesus a partir de sua própria noção de messianismo triunfante. Mas Jesus também corrige Pedro: se Deus está conosco, não significa que iremos nos dar bem em tudo que fizermos, mas, se Deus está conosco, temos de estar dispostos a dar a nossa vida pela causa de Deus. Pois somente quando superamos o egoísmo e o desejo de domínio e de violência, em atitude de entrega e abandono a Deus, pode acontecer a mais perfeita comunhão entre os seres

humanos. Isto é o reino de Deus, este é o designio que Deus tem para nós.

As palavras de Jesus expressam o paradoxo fundamental da vida cristã: num mundo dominado pela lei da imposição de vontades dos violentos, aqueles que pretendem seguir Jesus devem servir os demais em total gratuidade, a ponto de estar dispostos a morrer por eles.

2. I leitura (Jr 20,7-9): "Seduzisteme, Senhor!" (Jr 20,7)

Na primeira leitura, o profeta Jeremias, que havia chamado o povo à conversão, a um retorno para Deus, não teve sucesso em sua empreitada. O povo em geral e principalmente os líderes políticos e religiosos não acolheram a palavra de Deus proclamada por Jeremias.

O profeta viu amigos, familiares e conhecidos voltarem-lhe as costas e recebeu o desprezo, a maledicência, os insultos e as zombarias de seus adversários.

Jeremias conheceu o abandono e a solidão como consequência de sua fidelidade a Deus e à sua missão. Então, desiludido, o profeta resolveu parar de exercer a profecia. Mas naquele momento que decidiu parar de proclamar a palavra de Deus, Jeremias descobriu o quanto estava apaixonado pelo Senhor. O amor por Deus e por sua palavra era como um fogo no coração do profeta. Foi esse amor por Deus que o impulsionou a seguir em frente e a assumir todas as consequências de sua missão. A atitude de Jeremias, de estar disposto a entregar a própria vida por amor a Deus, ilumina a palavra de Jesus aos discípulos quando afirmou ser necessário tomar a cruz a cada dia e o seguir.

3. II leitura (Rm 12,1-2): Oferecei-vos em sacrifício

Nessa leitura, Paulo nos esclarece a respeito de como deve viver aquele que se sente chamado à salvação. A adesão a Cristo e a acolhida da salvação não significam aderir a



verdades teóricas e abstratas, mas exigem um caráter prático, um comportamento coerente com a vida do Mestre a quem seguimos.

Ser cristão não significa ganhar muito dinheiro, ter saúde, um bom casamento e ver tudo ir bem na vida. Ser cristão é oferecer inteiramente a vida a Deus, para a vida e para a morte que ele decidir. A oferta da própria vida no abandono nas mãos de Deus e no serviço ao próximo é o que Paulo chama de “hóstia viva”; em outras palavras, “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”. O verdadeiro culto, a perfeita adoração, a autêntica liturgia é a entrega da totalidade da vida do ser humano a Deus no serviço ao próximo.

III. Pistas para reflexão

Pedro nos representa. Ele está disposto a seguir Jesus, a ser caridoso com os pobres, a ser compreensível com os pecadores, enfim, não quer fazer nem ver ninguém sofrer. Mas Pedro não quer aceitar a cruz por amor à causa de Jesus e do reino de Deus. Quer ser um cristão vencedor, quer que tudo dê certo na vida, sem sofrimento nenhum.

Jesus, o profeta Jeremias e o apóstolo Paulo sabem que não é possível fazer a vontade de Deus e não sofrer animosidades por causa do Reino proclamado e testemunhado. Eles sabem que somente se pode ajudar aos que sofrem quando se está disposto a morrer com eles e por eles, em Jerusalém e em Roma, no passado, ou em qualquer tempo e lugar, até que Cristo venha.

23º Domingo do Tempo Comum
10 de setembro

“Não fecheis o coração” (Sl 94,8)

I. Introdução geral

A liturgia de hoje enfoca o tema da correção fraterna. Em todas as leituras deste dia, a

Batismo Anúncio, conversão, compromisso

Ir. Mary Donzellini, mjc



Este Caderno Catequético nos apresenta o que significa “ser batizado” dentro da perspectiva histórica do batismo. É um subsídio para a reflexão dos catequistas, dos ministros do batismo e das pessoas que se preparam para tão importante sacramento, de modo que sejam conduzidas ao anúncio, à conversão e ao compromisso.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



PAULUS



palavra de Deus vem insistir que somos responsáveis uns pelos outros e devemos ser um suporte para os fracos, indecisos, tíbios, apáticos na fé e no seguimento de Jesus.

Pouquíssimas pessoas têm coragem de advertir alguém de que ele está errado. É mais fácil condenar, humilhar, fofocar ou ser indiferente. Porém, a Bíblia afirma e reafirma a responsabilidade de uns para com os outros. Deus nos pedirá contas da vida de nossos irmãos e irmãs. Por isso, hoje, quando ouvirmos a sua voz, não endureçamos o nosso coração.

II. Comentário aos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 18,15-20): Se ele te ouvir, terás ganho teu irmão

O evangelho de hoje situa-se no contexto do “sermão sobre a comunidade”, cujos textos são direcionados especificamente para orientar a vida na Igreja. E um tema muito precioso para o Evangelho de Mateus é a correção fraterna, essencial para o crescimento pessoal do cristão na comunidade.

O evangelho nos orienta no delicado passo da correção fraterna. Primeiramente, devemos tomar consciência de que o ato de corrigir o irmão é nossa responsabilidade. O texto é claro: “Vai!”. É um imperativo que nos interpela. Não realizar esse mandato significa erro grave, pois nos omitimos diante do erro do outro, deixando que um membro do Corpo de Cristo permaneça no engano.

O texto nos apresenta a preocupação com o retorno à comunidade de quem se desligou pelo pecado. Por isso são empregados todos os recursos para a volta do irmão. É uma correção feita com respeito e amor. São oferecidas várias oportunidades para a conscientização sobre o erro. Primeiro a exortação pessoal, para preservá-lo de constrangimento diante da comunidade; depois, a exortação diante de

algumas testemunhas; por fim, diante da comunidade, para que o irmão obstinado em sua má conduta reconheça, perante a autoridade da Igreja, a situação em que ele mesmo se colocou.

Todo esse procedimento nos ajuda a perceber o papel mediador da Igreja para ajudar um membro a sair do erro. Isso porque não caminhamos sozinhos, mas fazemos parte de um corpo, necessitamos uns dos outros para viver a nossa fé.

Se levarmos a sério nossa responsabilidade para com nosso irmão, nossa ação de exortá-lo, de encaminhá-lo para o rumo certo, proporcionar-nos-á ganhar um irmão na caminhada de fé. Nossa maior preocupação deverá ser não apontar os erros dos nossos irmãos na comunidade, mas conduzi-los de volta à comunhão com Deus expressa na comunidade crente. Se fizermos isso, certamente a Igreja desempenhará bem seu papel de mediação da boa-nova de Jesus Cristo.

2. I leitura (Ez 33,7-9): Responsabilidade pelos outros

O profeta é não apenas o porta-voz de Deus, mas também uma sentinela para o povo. A sentinela era alguém que estava de prontidão, que permanecia acordado enquanto todos dormiam. Era alguém que percebia a aproximação de um inimigo ou de um viajante noturno aos portões da aldeia. Esse simbolismo nos ajuda a ver nossa responsabilidade para com as pessoas com as quais convivemos em casa, no trabalho, na vizinhança, nos círculos de amizade, na Igreja. Devemos estar atentos aos outros: perceber se estão em perigo, se correm algum risco de pôr a si mesmos ou outras pessoas em perigo.

A expressão bíblica “exigir o preço do sangue” significa ser responsável pelo outro. Deus exige que não sejamos omissos, que não deixemos as pessoas seguir para o preci-



pício sem alertá-las (com bondade e compaixão, sem condenar nem humilhar) sobre a necessidade de mudança de atitude.

Em todo caso, deve-se respeitar o livre-arbítrio de quem é adulto e responsável pelos próprios atos, mas somente depois de ter sido tentado tudo o que é humanamente possível para o bem do próximo.

3. II leitura (Rm 13,8-10): Quem ama o próximo cumpriu toda a lei

Os preceitos da lei de Deus sobre as relações humanas culminam no amor mútuo. O “amor não pratica o mal contra o próximo” e também não quer o mal para os outros. O fato de alguém não fazer nenhum ato de maldade não significa que possa ficar confortável, dizendo a si mesmo: “Não roubei, não matei, logo sou bom para meu próximo”. Quem não pratica o mal, mas omite ou negligencia a responsabilidade pelo outro, não ama verdadeiramente o seu próximo. Responsáveis que somos por nossos semelhantes, não devemos ficar no comodismo, mas ajudá-los a ser pessoas melhores.

III. Pistas para reflexão

É oportuno lembrar que são vários os motivos da omissão, e eles geralmente envolvem medo ou frieza de coração. Temos receio de advertir alguém e ser repelidos, perder a popularidade ou ser tachados de intransigentes. Por isso, é mais fácil “lavar as mãos”, como fez Pilatos, e dizer: “Eu não tenho nada a ver com isso”. Não deixemos que nosso coração fique endurecido diante do clamor silencioso de quem está envolvido numa teia de erros e não consegue sair sozinho dessa armadilha. É mais fácil julgar-se superior, murmurar, fofocar, condenar quem caiu ou está em perigo de queda.

O roteiro para a celebração da Exaltação da Santa Cruz (dia 14 de setembro) encontra-se no site da Vida Pastoral: vidapastoral.com.br

CD A Palavra se fez carne Refrões orantes para o Advento e Natal

PAULUS Música



A Palavra se fez carne! A PAULUS tem a alegria de apresentar o primeiro CD de refrões orantes específico para o Advento e Natal, como mais uma proposta de vivência e participação deste Tempo Litúrgico. Os refrões orantes, envolventes e em harmonia com o mistério celebrado, são baseados nos evangelhos dominicais do Tempo do Advento (anos A-B-C), como também das solenidades do Natal, Mãe de Deus e Batismo do Senhor. A obra é um excelente trabalho para as comunidades do nosso Brasil.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





24º Domingo do Tempo Comum
17 de setembro

“Perdoai-nos, Senhor, como nós perdoamos a quem nos ofende” (Mt 6,12)

I. Introdução geral

O tema da liturgia de hoje é o perdão. A oração que Jesus ensinou a seus discípulos traz o imperativo do perdão mútuo, ao mesmo tempo que nos assegura o perdão divino. O pedido “perdoai-nos como nós perdoamos” não limita a ação de Deus em relação às nossas faltas, mas nos introduz na dinâmica divina de perdoar sempre. É porque Deus tem misericórdia de nós que devemos ter misericórdia de nossos semelhantes. Deus nos perdoou primeiro, e nós correspondemos a tão grande dom perdoando nosso próximo da maneira que nosso Pai nos perdoa. O mal deve ser vencido com a bondade ilimitada, que se manifesta incansavelmente no perdão. As leituras de hoje mostram que, se o mal é intensamente prolífero, o bem deve ser muito mais.

II. Comentário aos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 18,21-35): Perdoai sempre

Pedro estava convicto de que tinha feito boa proposta a Jesus sobre o exercício do perdão. No entanto, Jesus eleva esse valor ao máximo possível. Se observarmos o texto de Gn 4,24, veremos que estão em jogo também esses números, só que no contexto da vingança.

No Antigo Testamento, a atitude de um descendente de Caim, Lamec, que se pro-

põe a vingar até setenta vezes sete, dá margem a uma corrente sem freios de violência. A atitude de Lamec é tão contrária ao ensinamento de Jesus quanto a atitude do servo é contrária à do patrão. A parábola quer ensinar que a morte de Jesus, segundo os critérios de Lamec, careceria de vingança infinita por parte de Deus. No entanto, o Pai, representado pelo patrão, não vingou seu Filho, mas perdoou infinitamente (setenta vezes sete). E com assim pôs fim à corrente de violência por meio do perdão.

Com isso se quer ensinar que somente o perdão, ato divino que somos chamados a praticar, pode pôr fim à violência. Como membros do Corpo de Cristo, nossa atitude diante das ofensas sofridas é perdoar sempre, pois não há ofensa maior do que aquela realizada por nós a Deus: a morte do Herdeiro amado. Mas o Pai transformou essa ofensa em perdão e salvação.

Perdoar sempre não quer dizer passividade ou omissão diante do erro e da injustiça, mas sim não guardar mágoa ou rancor, tampouco sentimentos de vingança. Somente pelo perdão, fruto do amor, podemos construir um mundo mais pacífico, fraterno e amoroso.

2. I leitura (Eccl 27,33-28,9): Perdoa a ofensa de teu próximo

Esse texto bíblico do Antigo Testamento representa um avanço na maneira com a qual as pessoas lidavam antigamente com as ofensas. O autor pede que se renuncie à vingança, afirmando que somente as pessoas afastadas de Deus é que nutrem a ira, o desejo de vingança no coração.

Quem tem um relacionamento mais íntimo com o Senhor deveria cultivar um espírito de misericórdia, já que a proximidade com Deus revela tanto as faltas do ser humano quanto o perdão divino.

A consciência de que todos têm necessidade da misericórdia de Deus deveria tornar as pessoas mais religiosas e mais dispostas a



perdoar. Infelizmente, nem sempre é isso que se vê.

O texto bíblico pede que a pessoa rancorosa pense na morte e perdoe as ofensas recebidas. “Pensar na morte” não significa “pensar num castigo eterno”, mas conscientizar-se de que a morte iguala a todos nós. Todos morremos, e isso significa que ninguém é melhor que o outro e todos nós somos muito mais devedores de Deus do que de uns para com os outros.

3. II leitura (Rm 14,7-9): Pertencemos ao Senhor

Frequentemente as mágoas e os rancores surgem da intolerância com o diferente. Algumas pessoas não suportam que outras pensem e vivam a religião, a missão, a profissão ou outras situações humanas de modo distinto. Há uma tentativa de uniformizar as opiniões. Geralmente se confunde unidade com uniformidade. Estar no mesmo grupo ou equipe e pensar ou agir de modo diferente é motivo para ser tachado de rebelde, de não ter espírito comunitário etc. Nessas situações, é necessário discernimento, e o apóstolo Paulo nos dá uma pista para não criarmos ressentimentos por causa da pluralidade: “Ninguém vive para si mesmo... é para o Senhor que vivemos”. Aqueles que pensam e agem diferentemente de mim fazem-no por causa do Senhor ou para exaltar a si mesmos? E eu, quando penso que determinados pensamentos e atitudes das outras pessoas estão errados, é por causa do Senhor que penso assim ou é para exaltar a mim mesmo?

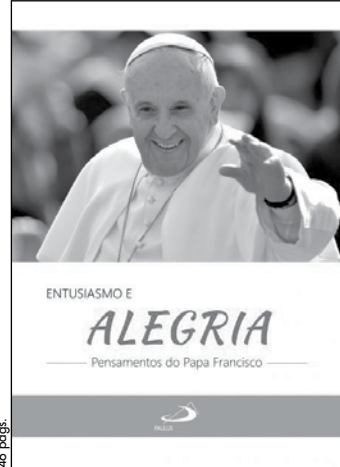
Cristo é o Senhor, nós pertencemos a ele; portanto, não devemos criar guerra em vez de bons relacionamentos somente porque alguém que caminha conosco dá passos diferentes e observa outras coisas no caminho.

III. Pistas para reflexão

Levar a comunidade a uma reflexão sobre o perdão e a tolerância. Estamos seguindo Lamec

Entusiasmo e alegria Pensamentos do papa Francisco

Papa Francisco



46 págs.

“Ó Deus, Pai de Misericórdia, fazei que eu confirme, com meu testemunho, minha fé em vós. Que eu dê um testemunho alegre, bem-humorado, simples e firme. Que eu mostre, com meus atos, aquilo que professo com minhas palavras. Amém.” (São Tomás More)

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





ou Jesus? Estamos empenhados em construir pontes ou em edificar muros entre as pessoas? É necessário sondar o próprio coração, perceber se ali estão aninhadas intolerâncias, ressentimentos, aversão ao “diferente”. Maturidade afetiva exige autoconhecimento, bem como um coração livre daquela mesquinha estreiteza do ser humano, o qual, embora constantemente necessitado de misericórdia, por vezes se mostra incapaz de perdoar ofensas insignificantes.

25º Domingo do Tempo Comum

24 de setembro

“Meus caminhos não são os vossos” (Is 55,8)

I. Introdução geral

As leituras de hoje exortam-nos a tomar cuidado para não reduzir Deus aos critérios humanos, por melhor que sejam. Deus ultrapassa tudo o que se pode pensar ou dizer sobre ele. Muitas vezes, seus planos se tornam incompreensíveis ao ser humano. Quando isso acontece, resta-nos perseverar na fidelidade sem mudar de caminho, a exemplo de Jesus, que disse: “Pai, afasta de mim este cálice, contudo não se faça a minha vontade, mas sim a tua” (cf. Mt 26,39).

II. Comentário aos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 20,1-16a): “Os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos”

O texto situa-se no “sermão sobre a comunidade”. Jesus continua instruindo seus seguidores sobre como se comportar no mundo.

O reino dos céus é aqui comparado ao proprietário que contratou vários trabalhadores para sua vinha, em horários diferentes.

No final, paga todos igualmente, começando pelos últimos, contratados à tardinha, até os primeiros, contratados de manhã.

A maneira como o patrão trata seus operários chama a atenção para a gratuidade com que Deus nos acolhe em seu reino. Não é segundo os critérios humanos que Deus age em favor da humanidade. A estranheza das palavras de Jesus nessa parábola deve chamar a atenção para nossa maneira de julgar a Deus ou de atribuir-lhe atitudes especificamente humanas.

Geralmente o ser humano quer recompensa por suas boas ações. E, quando não se sente recompensado, acha que Deus é injusto, ou não o ama, ou esqueceu-se dele. Costuma-se até dizer: “Por que Deus não atende as minhas preces? Sou tão dedicado, tenho tanta fé!”

Mas a maneira de Deus agir não se iguala à nossa. Ele é absolutamente livre para agir como quiser. E essa liberdade é pontuada por seu amor incondicional e sua generosidade inestimável. Deus nos ama e deu-nos mais do que ousamos pedir. Deu-nos a vida. Deu-nos a si mesmo no seu Filho. Deu-nos a eternidade ao seu lado.

Por isso, o reino dos céus não se apresenta como recompensa por nossos méritos pessoais. É puro dom de Deus, que nos chama gratuitamente a participar da vida plena. Cabe-nos acolhê-lo como dom ou ficar numa atitude mesquinha de sempre esperar recompensas por méritos prévios. Isso não é cristianismo, não é gratuidade. Isso não é resposta amorosa a Deus.

2. I leitura (Is 55,6-9): Que o perverso deixe o seu caminho

O texto da primeira leitura é uma oferta de perdão, paz e felicidade aos pecadores. Em primeiro lugar, assegura que as orações e o arrependimento serão acolhidos por Deus: “buscai o Senhor... invocai-o... deixe o mau caminho... converta-se... que o Senhor se compadecerá” (v. 6-7).

Deus não é como o ser humano; seus pensamentos são totalmente diferentes. Ele é



infinitamente fiel: não desiste de seus filhos, não cessa de ofertar-lhes sua misericórdia sem limites. Ao contrário, o ser humano desiste de Deus, trilha outros caminhos, bem diferentes daqueles propostos pelo Senhor.

“Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao Senhor... volte-se para o nosso Deus” (v. 7). Em primeiro lugar, arrepender-se é mudar de caminho, de atitudes, é tomar outros tipos de decisões, fazer outras escolhas. Mas não é só isso: há que mudar também os pensamentos, ou seja, transformar-se internamente, mudando de mentalidade em relação ao mundo, às pessoas e às situações; mudar de ideia a respeito de si mesmo, mudar até mesmo as concepções sobre Deus e sobre seus caminhos, porque o Senhor sempre estará muito além do que se pode dizer e pensar a respeito dele.

Converter-se é mudar de mente e voltar aos caminhos do Senhor. Mas voltar a ele não porque houve total compreensão do seu projeto, e sim porque ele é soberano e misericordioso. A vida humana só tem sentido no relacionamento com Deus, e quando seus caminhos são difíceis de entender e trilhar, resta, acima de tudo, perseverar na fidelidade.

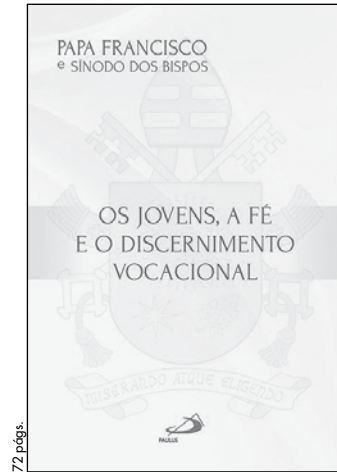
3. II leitura (Fl 1,20c-24.27a): Meu viver é Cristo

Grande exemplo de perseverança, mesmo que os planos de Deus se tornem incompreensíveis, é-nos dado na leitura da epístola aos Filipenses. O cristão vive unicamente para Deus, não em função de recompensas por méritos pessoais. Qualquer que seja a situação, boa ou ruim, deve perseverar no bem e na busca de agradar unicamente a Deus, seguindo em frente sem hesitar.

O cristão não deve desanimar nunca, ainda que, depois de repetidos esforços, se sinta fracassado ou mesmo perseguido, como o apóstolo Paulo. É necessário confiar somente em Deus, pois só ele pode dar eficácia à atividade humana. Mesmo sem entender o que

Os jovens, a fé e o discernimento vocacional

Papa Francisco e Sínodo dos Bispos



Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, com apresentação do papa Francisco e redação do Sínodo dos Bispos, constitui o Documento Preparatório da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos, a ser realizada em outubro de 2018, momento no qual a Igreja decide perguntar-se sobre “como acompanhar os jovens para reconhecer e acolher o chamado ao amor e à vida em plenitude”.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





acontece consigo, o cristão deve viver de modo digno do evangelho (v. 27).

III. Pistas para reflexão

Não considerar a parábola no plano da justiça social, mas respeitar a estranheza das palavras de Jesus, que têm por objetivo nos conscientizar de que o reino de Deus não se baseia em mérito e recompensa, mas é puro dom. O evangelho do próximo domingo – sobre os irmãos chamados pelo pai a trabalhar na vinha – enseja destacar a importância do itinerário do povo de Deus, comparando-o ao dos trabalhadores das primeiras horas. Os hebreus foram os primeiros a responder “sim” ao apelo do dono da vinha. As demais nações herdaram desse povo as alianças, as promessas, a história e, principalmente, o Messias. Sejam gratos a Deus e a Israel, nosso irmão mais velho, fatigado pelo dia inteiro de trabalho.

26º Domingo do Tempo Comum
1º de outubro

“Ensina-me, Senhor, os teus caminhos” (Sl 25,4)

I. Introdução geral

Os textos de hoje nos mostram que o reino de Deus entra em diálogo com o ser humano, para que este possa distinguir entre o modo como se dá a ação divina e a maneira humana de proceder. O ser humano é uma tarefa, ele nunca vai estar terminado; sua existência no mundo é um constante fazer-se e refazer-se, baseado nas decisões tomadas com livre-arbítrio.

Quem é bom pode deixar o caminho do bem, e quem é perverso pode abandonar a vereda do mal. Por isso, Deus está constantemente chamando o ser humano para que deixe os caminhos tortuosos e diga um “sim”

consciente e maduro, que seja realmente “sim”. Para isso, Deus envia mediadores, na tentativa de chegar ao coração humano.

Contudo, as pessoas podem recusar o chamado de Deus, fazer pouco caso de sua proposta ou até mesmo ser hostis com os mediadores que ele envia. É sobretudo por orgulho que opõem obstáculos à própria salvação. Por isso, exorta-nos o apóstolo: “Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo”.

II. Comentário aos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 21,28-32): João ensinou o caminho da justiça, e não acreditaram nele

Jesus, para nos instruir sobre nossas próprias escolhas, conta-nos a parábola dos dois filhos que mudaram de atitude. Deus nos fez livres. A salvação que ele nos oferece é puro dom. Cabe-nos responder “sim” ou “não” a esse convite. O livre-arbítrio possibilita ao ser humano acolher em sua vida o bom ou o mau caminho. Há sempre a possibilidade de mudar de rumo. É isso o que nos mostra o texto. Ambos os irmãos mudaram de rumo. Um fez a vontade do pai, o outro não.

Estar no rumo certo não é sinônimo de segurança, pois podemos ser facilmente levados para outro caminho se não nos mantivermos atentos ao chamado constante de Deus. Por isso a necessidade constante de conversão, porque não estamos prontos. E os que se acham “santos” são muito facilmente propensos ao erro, mais do que os que têm firme consciência das próprias limitações. Os “santos” acabam afogando-se na sua soberba e se fecham à graça divina. Ao contrário, os pecadores são mais abertos para acolher a graça, pois confiam apenas na misericórdia de Deus.

Fazer a vontade de Deus é muito mais acolhê-lo na vida diária do que proclamar discursos vazios, destituídos de testemunho de vida.



Deus nos chama constantemente a viver seu amor na doação total de nossa vida ao irmão. Deve-se viver esse chamado nos atos cotidianos, nas relações interpessoais, nas próprias escolhas. Fazendo assim, caminha-se na justiça e no testemunho fidedigno do reino de Deus.

2. I leitura (Ez 18,25-28): Deus ensina o caminho aos pecadores

O texto começa com uma estranheza: “O caminho do Senhor não é direito” (v. 25). Pensava-se dessa forma porque Deus não fazia o que se esperava, a saber: recompensar o “justo” e castigar os “injustos”. Esse modo diferente de Deus proceder irritava as pessoas tidas como santas naquela época.

Por meio do profeta, Deus toma a palavra e põe as intenções humanas às claras: os caminhos humanos é que são tortuosos, mas, apesar disso, Deus continua chamando, respeitando o livre-arbítrio e perdoadando cada um de seus filhos.

Em primeiro lugar, Deus se dirige aos tidos por justos. O que se pode dizer de uma pessoa realmente justa? Como pode ser qualificada uma pessoa convertida? Aquele que aparentemente é santo e irrepreensível, e comete atos que fazem transparecer grande maldade no coração, pode ser considerado justo ou convertido? Segundo o texto que foi proclamado, a pessoa que se qualifica assim não é verdadeiramente justa, e Deus, que tudo vê, considera os atos de iniquidade dela, não sua suposta justiça externa.

Outros são tidos por pecadores, hereges, infiéis, gentinha de má conduta. Estes, Deus convida à conversão, e, caso tenham abertura para acolher o perdão divino, é-lhes assegurado que não serão considerados os atos praticados numa vida desregrada, muitas vezes afetada por condicionamentos sociais, religiosos e psicológicos.

Enfim, o texto bíblico exorta todos à conversão, e a todos está destinado o perdão de Deus.

Santa Gemma Galgani Diário

Santa Gemma Galgani



Neste diário, “o livro que o diabo queimou”, Santa Gemma narra as experiências que teve com as trevas e dialoga com Deus e o diabo, numa árdua luta espiritual entre o bem e o mal. Assim, ela produziu uma pérola de grande valor para a fé, agora publicada em português pela PAULUS.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





3. II leitura (Fl 2,1-11): O esvaziamento de Cristo nos ensina o caminho para Deus

O apóstolo Paulo pede aos filipenses que tenham os mesmos sentimentos de Cristo (v. 5). Com isso, ele espera resolver o problema daquela comunidade: egoísmo e arrogância (v. 3), e dissensões internas que ameaçavam o amor, a unidade e o companheirismo. Mas quais seriam os sentimentos de Cristo que o apóstolo deseja inculcar nos filipenses?

Para definir bem de que se trata, Paulo usa o termo “esvaziamento” ou “abaixamento”, que significa privar-se de poder ou abdicar de um direito que se possui. Cristo não se apegou à sua condição divina nem usou dos privilégios dela em favor de si mesmo, mas assumiu a existência humana como servo. O abaixamento de Cristo não é apenas tornar-se humano, mas, além disso, tornar-se servo.

Isso caracteriza a totalidade da vida de Jesus, que assumiu as limitações humanas e esteve à mercê de nosso egoísmo e violência, responsáveis por sua morte terrível na cruz. Porque, acima de tudo, ele quis atender ao bem-estar e aos interesses dos outros, em vez de ter interesses egocêntricos.

Esse modo de viver de Jesus nos ensina o caminho para Deus. É descendo a escada da humildade que ascendemos ao reino definitivo. Esses critérios são diferentes dos critérios humanos, mas são o único e legítimo caminho para a verdadeira humanização e para Deus.

III. Pistas para reflexão

O momento atual é marcado por uma religiosidade intimista e subjetiva, de relacionamento vertical: o indivíduo e Deus. Isso traz como consequência a ideologia da prosperidade: “Eu não cometo pecados escandalosos e, em troca, Deus me abençoa com o que quero”. Esse tipo de religiosidade suscita a ideia de um Deus castigador, que está contra os “maus” e recompensa os “bons”. As leituras de hoje mostram que tal pensamento é tortuoso e não

representa os critérios de Deus. Por isso, é bom destacar na homilia a gratuidade, o cuidado com os mais fracos, a tolerância e o diálogo que constroem comunidade.

27º Domingo do Tempo Comum

8 de outubro

Trabalhar na vinha do Senhor

I. Introdução geral

O tema da vinha é predominante na liturgia de hoje. Trata-se de parábola comum ao Antigo e ao Novo Testamento, da qual primeiro os profetas e, depois, Jesus se serviram para falar do amor de Deus e da ingratidão do ser humano. Na primeira leitura, Isaías descreve a história de Israel como a história da vinha que o Senhor plantou e à qual deu condições para que produzisse bons frutos. O evangelho resume a metáfora de Isaías e a desenvolve, falando de outros imensos benefícios realizados por Deus, primeiramente o envio dos profetas e, enfim, o envio do Filho como prova suprema de amor. A segunda leitura pode ser tomada como um convite à gratidão para com Deus e como compromisso de nossa parte para darmos abundantes frutos de boas obras.

II. Comentário aos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 21,33-43): Entregarão os frutos no tempo certo

Numa releitura do texto de Isaías, o evangelho de hoje vem acentuar a importância dos líderes religiosos no exercício de sua missão na comunidade: cuidar da vinha.

O cultivo da vinha exige muita dedicação, porque ela representa frequentemente os escolhidos de Deus, muito valiosos para ele. O dono da vinha esteve distante até o tempo



em que ela deveria dar frutos e a confiou a “empregados”. Jesus está dizendo a seus interlocutores que eles são apenas servos de Deus, que a função deles é entregar os frutos ao verdadeiro dono, mas quiseram fazer as coisas do seu próprio jeito.

Os servos quiseram a parte que pertencia a Deus. Mas somente o Senhor tem a última palavra na condução do povo. E somente a Deus pertence o louvor, não aos líderes religiosos. Então a liderança religiosa já não estará com aquele grupo; ela caberá a quem fizer a vinha produzir frutos para Deus.

Essa realidade criticada pelo evangelho está presente na Igreja em todos os tempos, porque o ser humano é sempre tentado a usurpar o lugar de Deus. Para aprendermos a assumir nosso papel na liderança da comunidade, basta olhar para Jesus, que não se apeçou a seu ser igual a Deus, mas assumiu a condição de servo (cf. Fl 2,6-7). E ele é o herdeiro da vinha. Por isso, Jesus é o caminho a ser seguido, não somente pelos líderes religiosos, mas também por todos os que queiram realizar, na sua vida, a vocação humana e cristã: ser para Deus. Se realizarmos essa vocação, certamente a vinha do Senhor dará muitos frutos no seu tempo.

2. I leitura (Is 5,1-7): Esperava que produzisse uvas boas

O poeta canta em versos a história de amor entre seu amigo e a vinha. Primeiro destaca o cuidado que seu amigo teve para com ela: preparou a terra, plantou mudas selecionadas; deu-lhe proteção permanente com vigias, construindo uma torre; evitou que as uvas estragassem, fazendo um tanque de amassar uvas. Esses cuidados fizeram dela uma “vinha preciosa” (Jr 2,21). Contudo, a vinha não correspondeu às expectativas de seu proprietário. Para Isaías, a vinha é Israel, e Judá, a totalidade do povo de Deus. Que expectativas não foram correspondidas? O exercício da justiça e do direito.

Experiência de Deus e outros escritos de espiritualidade

Clodovis Boff



CLODOVIS BOFF

EXPERIÊNCIA DE DEUS
E OUTROS ESCRITOS
DE ESPIRITUALIDADE

136 págs.

Não há, hoje, quem não queira ser uma pessoa “espiritualizada”. Dentro do cristianismo, os movimentos mais dinâmicos são os que estão centrados na experiência espiritual: os pentecostais e os carismáticos. Mas o que é experiência espiritual? Quais as armadilhas que se escondem atrás dela? Como crescer em espiritualidade? Questões difíceis, porém urgentes, a que o presente livro procura dar respostas práticas, seguras e claras.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





O poeta afirma que seu amigo, o proprietário da vinha, identificado com o Senhor dos exércitos, convoca os moradores de Jerusalém para julgar a vinha. O proprietário faz duas perguntas: a primeira sobre as próprias atividades; a segunda sobre a produção da vinha. No final, o proprietário dá uma sentença, anunciando o que fará. E suas atividades para com a vinha serão o oposto dos cuidados iniciais. O ápice é o v. 7, no qual há o contraste entre as expectativas de Deus e a resposta negativa do povo.

A vinha não produz os frutos esperados, o povo não realiza obras que agradam a Deus, especificamente a justiça e o direito. Essas palavras da primeira leitura são bem atuais; hoje elas se dirigem a nós, que somos povo de Deus em Jesus Cristo.

3. II leitura (Fl 4,6-9): Ocupai-vos com tudo o que é bom

O texto da segunda leitura traça um itinerário para que o cristão possa ter uma práxis que seja fruto de seu relacionamento com Deus.

Primeiro diz: “Não vos preocupeis com coisa alguma”. Isso não significa ser irresponsáveis nas tarefas, nas atribuições, nas profissões, nos relacionamentos familiares etc., e sim que as preocupações com o cotidiano não devem tomar demasiado espaço em nossa vida. Quanto mais se confia em Deus, tanto mais os pensamentos ficam livres de aflições e ansiedades (cf. Mt 6,25 e 1Tm 5,8).

Se alguma situação se torna muito difícil para nós, devemos nos reportar a Deus com

**300 URGENTES MENSAGENS
marianas para os nossos dias**
Luiz Alexandre Solano Rossi

Este livro traz mensagens de esperança derramadas por Maria em nossos corações, que procuram nos transformar em melhores homens e melhores mulheres para a glória de Deus.

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

f i t editorapaulus

PAULUS



orações e súplicas. A palavra “súplica”, no idioma em que o texto foi escrito, denota algo de que necessitamos muito, alguma coisa vital para nós. Mas as orações e súplicas devem estar unidas à ação de graças, porque devemos agradecer a Deus antes mesmo de receber a resposta para os nossos pedidos. Talvez Deus não realize exatamente o que esperamos, mas sabemos que ele sempre responde às nossas orações, e por isso devemos agradecer imediatamente.

Em seguida, após depositarmos nossas dificuldades nas mãos de Deus, já não estaremos tão estressados como antes e poderemos saborear “a paz que supera todo entendimento” (v. 7). Sentimos paz não porque a situação foi resolvida, mas porque ela já não nos sufoca – afinal, somos a vinha bem cuidada de Deus.

E como nossa mente já não está sobrecarregada com preocupações e ansiedades, podemos nos ocupar com o que é essencial (v. 8): levar uma vida exemplar no mundo (dar testemunho), sendo verdadeiros, sabendo respeitar a dignidade do outro, sendo amáveis, sendo puros, enfim, praticando as virtudes.

Paulo termina dizendo que os filipenses aprenderam esse comportamento observando o modo pelo qual ele se comportava. Quem dera as pessoas pudessem também aprender essas coisas pelo testemunho dos cristãos. Então o mundo inteiro seria uma vinha que produz frutos agradáveis para Deus.

III. Pistas para reflexão

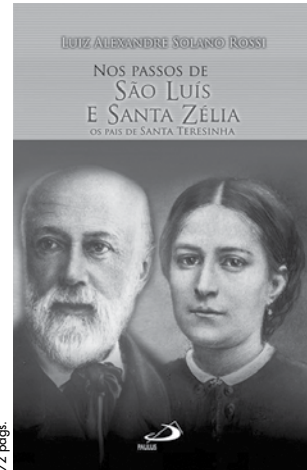
Também para os membros da Igreja valem as palavras de Isaías e de Jesus; por isso a homilia deve evitar estabelecer contraposição entre Israel e Igreja, para não deixar os cristãos numa posição muito confortável. Se a vinha, que é a vida de cada fiel na Igreja, não der frutos, Jesus dirá hoje as mesmas palavras que dirigiu aos líderes religiosos da sua época.

Este mês missionário nos lembra que todo batizado deve ser “vinha do Senhor”,

Nos passos de São Luís e Santa Zélia

Os pais de Santa Teresinha

Luiz Alexandre Solano Rossi



Luis e Zélia são santos pelo testemunho de seriedade de sua fé vivida na família. Não eram sacerdotes, não pertenciam a nenhuma ordem religiosa, nem eram teólogos. Quem eram então? Um homem e uma mulher que se amaram e desejaram formar uma família para a glória de Deus. São exemplos de vida cristã, fonte de inspiração e amigos que nos ajudam a trilhar o caminho e a viver o projeto de Deus para as nossas famílias.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



PAULUS



dar frutos e evitar o comodismo que freia a missão. Esta não deve ser entendida como atividade individual e fruto de recursos e capacidades humanas, mas sempre como colaboração com a obra missionária de Cristo, pois ele é origem e fonte de toda atividade missionária na Igreja.

O roteiro para a celebração do dia de Nossa Senhora Aparecida (12 de outubro) encontra-se no site da *Vida Pastoral*: vidapastoral.com.br

28º Domingo do Tempo Comum
15 de outubro

“Ide por todos os caminhos e convidai para o meu banquete” (Mt 22,9)

I. Introdução geral

A liturgia de hoje apresenta a salvação sob a metáfora de um banquete preparado por Deus para todos os povos. No idioma em que o texto foi escrito, há certa dificuldade para falar sobre os sentimentos, sobre o humor ou sobre os estados de espírito. Por isso se tomam emprestadas da linguagem cotidiana as metáforas que servem para expressá-los. A dor é representada pelo fogo (ou pelo gelo) que queima, pelas lágrimas ou pelo ranger de dentes. A alegria é simbolizada pelo banquete. Quando a Bíblia fala sobre o fogo eterno ou o banquete eterno, está apenas simbolizando os sentimentos de tristeza ou alegria infinita.

A refeição era o maior gesto de comunhão, e a liturgia judaica sempre usa o comer e o beber para falar do encontro de irmãos entre si e com Deus. Estar à mesa com al-

guém é fazer aliança com ele. Nos textos da liturgia de hoje, o banquete de Deus é para todas as pessoas, não apenas para Israel. Somos convocados para o banquete de Deus e somos enviados por ele para convidar todos para a mesa da nova aliança.

II. Comentário aos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 22,1-14): Vinde ao banquete

O evangelho acrescenta um aspecto novo ao texto de Isaías: trata-se de um banquete nupcial. “Núpcias” ou “casamento”, no idioma de Jesus, significam o mesmo que “aliança”. Assim, o texto quer dizer que todos são chamados a ingressar na nova aliança realizada em Jesus. Mas a resposta a esse convite nem sempre é positiva ou adequada, como se percebe nas atitudes dos candidatos.

Há quem recuse o convite apesar de nada ter-lhe sido exigido, mas, ao contrário, tudo ter-lhe sido oferecido. Essa atitude significa a rejeição ao amor e à gratuidade de Deus, muito comum na sociedade atual. Muitas pessoas não querem nem ouvir falar de Deus. Acha que tudo o que possuem é fruto do esforço pessoal. Deus nada tem a ver com isso. São incapazes de perceber o amor de Deus presente nelas mesmas e naquilo que as rodeia.

Há quem aceita, mas não usa a veste adequada, ou seja, não tem disposição interna para o seguimento de Cristo. Sua fé é desvinculada da práxis. Muitos cristãos querem viver a fé superficialmente, buscando apenas usufruir do que a religião pode lhes oferecer naquele momento. Uma vez satisfeita sua “necessidade”, esquecem-se de Deus. São pessoas que não têm vínculo real com a fé e suas exigências.

O convite a participar do banquete da nova aliança é feito a todos, sem distinções. Mas a adesão a Cristo requer uma resposta radical, que envolva a totalidade da vida. E nem todos estão dispostos a mudar sua “veste”. É por isso que “muitos são chamados, e



poucos são escolhidos”: isso significa que o número dos que entraram na aliança é inferior ao dos chamados, por causa da superficialidade da resposta ao convite de Deus.

2. I leitura (Is 25,6-10a): Diante de mim, preparas uma mesa

O texto menciona um banquete suntuoso que revela a grandiosidade e a generosidade de quem o oferece. Numa terra cercada por desertos, é de admirar um banquete de carnes gordas regado com vinhos finos. Trata-se não somente de uma ocasião de grande alegria, mas também de uma manifestação de abundância.

O banquete será oferecido no monte Sião, ou seja, em Jerusalém, capital da terra de onde mana leite e mel, quer dizer, da terra fértil numa região desértica. A menção do vinho merece mais atenção: “vinho fino” tem o mesmo sentido de “preservar”, significa que o vinho retém cor, cheiro e sabor apesar do tempo. Nesse banquete, será servido um vinho que ganhou qualidade ao longo do tempo. Significa uma nova aliança que plenifica a primeira.

No mesmo versículo é mencionado o “vinho depurado” ou refinado. Geralmente, esse termo é usado para os metais preciosos purificados no fogo. Aqui significa que os resíduos do processo de fermentação foram retirados. Esses elementos também evocam a qualidade da nova aliança.

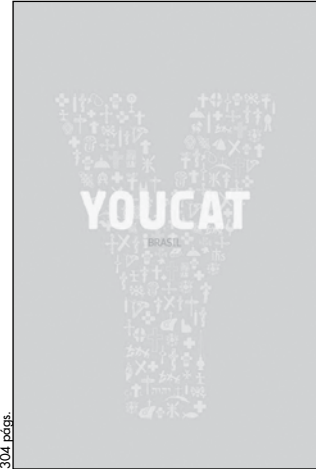
Nesse banquete oferecido a todos os povos, Deus se revelará de modo definitivo, pois o véu dos povos será retirado. Cobrir a face era uma maneira usual para expressar pesar (2Sm 15,30) ou a forma de uma moça se apresentar diante do noivo, para indicar que não se “conheciam”, ou seja, que ela era virgem. Esses dois sentidos estão no v. 7, referindo-se ao relacionamento entre Deus e as nações. Sem a revelação, os povos não conhecem a Deus e por isso estão mortos. É necessário retirar o véu e a mortalha para poder ter a comunhão proposta pelo banquete.

A destruição da morte e da dor faz pensar

YOUCAT

Catecismo Jovem da Igreja Católica

Prefácio do papa Bento XVI e pós-fácio de D. Eduardo Pinheiro da Silva



304 págs.

Chamado também de *YOUCAT* (abreviação de Youth Catechism), o Catecismo Jovem da Igreja Católica chega às mãos dos leitores brasileiros. Estruturado em perguntas e respostas, o livro é dividido em quatro partes e foi desenvolvido por um número considerável de padres, teólogos e professores de religião. O *YOUCAT* vem atender aos apelos dos muitos jovens inspirados e entusiasmados pela dinâmica das Jornadas Mundiais da Juventude.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





no futuro do reino definitivo. Trata-se de bem-aventurança anunciada também no Apocalipse: “Deus enxugará todas as lágrimas de seus olhos, e não haverá mais a morte” (Ap 21,4).

3. II leitura (Fl 4,12-14.19-20): Deus tudo proverá em vossas necessidades

Enquanto não se dá a plenitude do Reino, quando já não haverá lágrimas, mas somente o banquete nupcial do Messias, a situação atual dos seguidores de Jesus é cheia de altos e baixos.

Paulo nos ensina a viver bem em qualquer situação, seja de penúria, seja de abundância. O apóstolo aprendeu, ou melhor, recebeu a instrução dessas situações de penúria e de fartura. Ele adquiriu sabedoria tirada dessas experiências que vivenciou.

Paulo sabe que a Deus tudo pertence e que Deus é rico em misericórdia. Por isso o apóstolo se mostra inteiramente confiante toda vez que passa por dificuldade. Ele confia na graça de Deus e, portanto, está preparado para passar por qualquer situação.

Contrária a isso é a atitude de muitos cristãos de hoje, que mantêm um relacionamento comercial com Deus. Se alguma coisa não vai bem, então Deus tem de lhes solucionar o problema. Essa atitude corresponde à veste inadequada mencionada no evangelho.

III. Pistas para reflexão

Estamos no terceiro domingo do mês de outubro, mês dedicado às missões. O ano litúrgico corre para o seu final. As leituras estão exigindo cada vez mais o compromisso dos cristãos. Eis que o Rei se aproxima. É necessário convidar todos para o banquete, é preciso que cada um verifique se está com a veste adequada. É bom incentivar a assembleia para um compromisso maior. Todos somos convidados

para o banquete, mas também somos enviados a convidar. Nossa práxis cotidiana, fruto de verdadeiro compromisso com Deus, é nossa melhor forma de evangelizar, mas não a única; é necessário ir “às encruzilhadas dos caminhos e convidar para a festa” (Mt 22,9) todos os que encontrarmos. Não podemos deixar de evangelizar porque temos muitos afazeres (v. 5).

29º Domingo do Tempo Comum
22 de outubro

Anunciai entre os povos que o Senhor reina

I. Introdução geral

A liturgia de hoje ressalta que a história da humanidade está nas mãos de Deus. Interpretada à luz da fé, a história ganha seu verdadeiro significado: a salvação do ser humano.

Até mesmo as ações das pessoas que não têm fé podem ser vistas como colaborações inconscientes para o projeto de Deus. É isso que nos mostra a primeira leitura: o imperador Ciro, mesmo sem saber, fez a vontade de Deus. Situações políticas totalmente seculares podem ser usadas pelo Senhor como instrumentos para a salvação do ser humano.

Na segunda leitura, vemos que Paulo e os tessalonicenses são fiéis na difusão do evangelho. Tal fato deveria nos animar bastante, porque sabemos que, no início da Igreja, os cristãos sofriam várias perseguições. Isso significa que Deus pode servir-se até mesmo de situações adversas para realizar a salvação, porque ele é o Senhor da história.

No evangelho, Jesus traça uma linha divisória: a autoridade política tem seu campo próprio, a ordem e o bem público. Dentro desse campo, a autoridade política deve ser respeita-



da. Mas a autoridade política não tem o poder de exigir o que somente a Deus é devido.

II. Comentário aos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 22,15-21): Dai a Deus o que é de Deus

O evangelho de hoje nos põe diante de um dilema no qual muitas vezes travamos: como conciliar em nosso cotidiano duas realidades por vezes antagônicas, a autoridade política e a religiosa? Nesse caso, Jesus nos aponta o caminho a seguir.

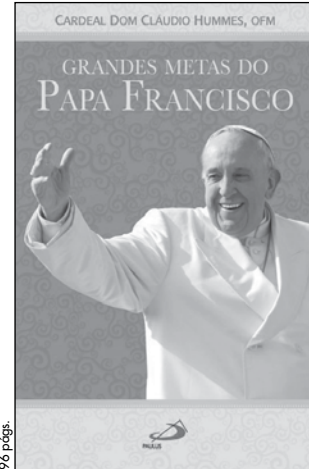
A pergunta feita a Jesus certamente é bem maliciosa. Os judeus estavam sob o domínio romano, e o pagamento do tributo era prova de sujeição ao imperador. Se Jesus respondesse que o povo deveria pagar o imposto, perderia sua popularidade, seria acusado de trair sua nação e perderia qualquer pretensão messiânica. Caso respondesse que não deveria pagar o imposto, seria acusado de rebelião contra o império e preso. Qualquer que fosse a resposta, Jesus estaria em perigo. Mas ele ultrapassa a questão do lícito ou ilícito e conduz seus interlocutores a uma reflexão mais profunda: a autoridade política não pode tomar o lugar de Deus.

Para Israel, só Deus podia reinar sobre o povo, mediante um representante tirado de uma das tribos. Por isso, a sujeição ao imperador romano era sinal de idolatria. Além disso, essa situação se agravou quando o imperador se proclamou divino.

Quando Jesus pergunta de quem é a figura e a inscrição na moeda, entra no âmago da questão. Os judeus usavam a moeda romana e, por isso, não tinham por que se opor ao pagamento do imposto. Mas Jesus acrescenta que se deve dar a Deus o que é de Deus, reafirmando a soberania do Senhor sobre Israel e as nações. No grego, a palavra “dar” também significa “devolver”. E já que a imagem de Deus está gravada em nós, devemos “devolver” nossa vida em

Grandes metas do papa Francisco

Cardeal Dom Cláudio Hummes, ofm



Neste lançamento exclusivo da PAULUS, Dom Cláudio Hummes reúne as principais metas do pontificado do papa Francisco. O livro nasceu do desejo do cardeal de homenagear o Santo Padre pelo aniversário de 80 anos e celebrar seu extraordinário pontificado, que vem mudando os rumos da Igreja.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





adoração a ele, cumprindo a sua soberana vontade. Assim, a prática de devolver a Deus o que é de Deus destrói toda idolatria.

A autoridade política deve ser respeitada, porque está a serviço do bem comum, mas nunca terá o poder de exigir o que é devido somente a Deus, cuja imagem está impressa em nós.

2. I leitura (Is 45,1.4-6): Eu sou o Senhor e não há outro

O texto bíblico começa com a afirmação de que Ciro, o rei persa que dominava sobre os judeus, tinha sido escolhido por Deus para executar a tarefa de fazer o povo exilado voltar à terra de Israel. É uma afirmação muito estranha na Bíblia, porque o termo “ungido” (messias ou cristo) era reservado apenas para três categorias em Israel: reis, sacerdotes e profetas. Afirmar isso de um rei estrangeiro, que servia a outros deuses, é algo único na Bíblia.

Para entender esse versículo, é necessário

imaginar o que as pessoas da época poderiam estar pensando. Quando souberam do decreto do imperador que os liberava para voltar a Israel, os judeus poderiam pensar: “Que feliz coincidência e que sorte nós tivemos, a política do imperador vai nos favorecer”. O profeta entrou em ação para dizer que as coisas não eram bem assim como estariam pensando, deixando claro que não se tratava de sorte ou coincidência. Deus é sumamente fiel e ama os filhos de Israel; ele os tirou da escravidão do Egito, levou-os para a terra prometida e para lá os faz retornar. Ciro não passa de um instrumento de Deus para executar uma tarefa. O imperador não é uma divindade; ao contrário, é como uma criança conduzida por um adulto para fazer algo que ela nem tem consciência do que seja. Ciro é tomado pela mão e levado pelo Senhor para libertar os judeus.

Assim, o texto bíblico orientou as pessoas antigamente e nos orienta hoje para a consciência de que nenhuma autoridade é eterna ou ab-



ESPIRITUALIDADE DO PADRE DIOCESANO
Humberto Robson de Carvalho e Fernando Lorenz

A espiritualidade do padre diocesano fundamenta-se em Jesus Cristo, o Bom Pastor, como modelo da caridade pastoral. É isso o que este livro busca mostrar, em linguagem atraente e acessível.

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br




 editorapaulus


PAULUS



soluta: há um único Deus, e tudo está submetido a ele e ao seu plano. Nada nem ninguém podem impedir a realização do projeto divino. O livre-arbítrio humano pode apenas escolher entre colaborar ou não com Deus. A história da humanidade está imersa no projeto de Deus como peixes num aquário, que podem nadar de um lado a outro, mas sempre estão dentro do mesmo recipiente. Mesmo quando se tenta impedir que o projeto divino se realize, Deus é suficientemente criativo para do mal fazer um bem. Prova disso é que a morte de Jesus na cruz se tornou vida plena para quem o segue.

3. II leitura (1Ts 1,1-5b): O evangelho foi anunciado entre vós

Paulo escreve uma carta à Igreja que se encontrava em Tessalônica, cidade pagã cujos habitantes estavam a serviço de vários ídolos. Os cristãos dessa cidade, ao contrário, são assembleia santa, são eleitos de Deus e congregados em Jesus Cristo.

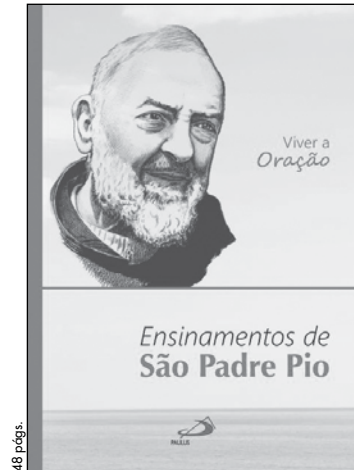
O apóstolo sempre se lembra da “ação da fé” dos tessalonicenses. Essa expressão pode parecer estranha aos ouvidos atuais, porque hoje comumente se compreende fé como se se tratasse de um sentimento. Mas, nos idiomas antigos, fé é um modo de viver, é a vida em ação colaborando com Deus. Colaborar significa “trabalhar com”. Assim, a fé é mais que um sentimento: é uma tarefa, um ofício, um trabalho, uma missão. O plano de Deus se realiza independentemente da fé do ser humano, mas os que vivem a fé assumem consciente e livremente esse plano como um objetivo de vida a ser realizado e trabalham com Deus na efetivação desse projeto, até chegar à plenitude.

III. Pistas para reflexão

Celebrando hoje o dia das missões neste mês missionário, é preciso reconhecer que muitos cristãos ainda não se envolveram na proclamação do reino de Deus. Alguns estão

Viver a oração Ensinamentos de São Padre Pio

David Brendo (org.)



Padre Pio de Pietrelcina foi o primeiro sacerdote a ter impressos sobre o corpo os estigmas da crucificação, tendo ficado conhecido como “o frei estigmatizado”. A **Coleção Ensinamentos** reúne instruções dos santos e santas da Igreja sobre os mais variados temas. Neste volume, foram selecionados alguns ensinamentos de São Padre Pio de Pietrelcina sobre a oração.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





em situação semelhante à de Ciro: embora suas ações sejam boas, eles não as realizam como fruto de uma opção consciente e comprometida com o reino de Deus. Outras pessoas são como os judeus exilados: não conseguem ver a mão de Deus por trás dos acontecimentos históricos. Quando muito, pensam que os desastres são castigos, e essa é a leitura mais errada que se pode fazer dos eventos históricos.

Ainda podemos considerar algumas pessoas semelhantes aos fariseus do evangelho: confundem autoridade humana com autoridade divina, pensam que o fato de não cometer escândalos é suficiente para alguém ser considerado amigo de Deus.

Contudo, a Igreja necessita de pessoas como os tessalonicenses, cuja fé é mais que um sentimento ou religiosidade desencarnada. A Igreja necessita de cristãos de quem se possa dizer: “Lembro-me sempre da ação de vossa fé” (cf. 1Ts 1,3).

30º Domingo do Tempo Comum
29 de outubro

O maior mandamento

I. Introdução geral

A liturgia de hoje destaca o maior mandamento: amar a Deus e amar o próximo. No livro do Êxodo, encontramos uma série de leis sobre os deveres para com as categorias sociais mais necessitadas naquela época: estrangeiros, viúvas, órfãos e endividados. No Novo Testamento, essas exigências são plenificadas pelas palavras de Jesus, ao pôr em paralelo o amor a Deus e o amor ao próximo. Mais que palavras, a obra redentora de Cristo é a expressão de seu amor ao Pai e ao ser humano. O Filho de Deus é verdadeiramente aquele que se fez próximo de quem mais necessitava da plenitude da vida.

II. Comentário aos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 22,34-40): Amor a Deus, amor ao próximo

O evangelho de hoje nos situa diante de uma pergunta muito importante, não apenas para os judeus, mas também para nós, cristãos: o maior mandamento. É importante para nós, seguidores de Jesus, porque o mandamento nos reporta à prática evangélica.

A resposta de Jesus, fundamentada na Escritura, une dois mandamentos já conhecidos e praticados pelos judeus. O primeiro é *amar a Deus* (Dt 6,5), que resume a vocação própria de Israel, a razão de sua existência. Em Cristo, essa vocação estendeu-se a todos nós, chamados a amar a Deus no Filho amado. Ele nos ensinou o caminho de acesso a Deus Pai, no amor e na doação de sua vida integralmente.

O segundo é *amar o próximo como a si mesmo* (Lv 19,18), cujo fundamento é Deus, que ama o ser humano. A realização desse mandamento faz parte da vocação de Israel e, em Jesus, chegou à plenitude, porque Cristo amou o próximo não como a si mesmo, mas como o Pai o ama. Deus se totalmente ao outro como se dava totalmente ao Pai e como o Pai se dava a ele. Sem reservas. Por isso, ao unir os dois mandamentos e defini-los como vontade de Deus expressa na totalidade da Escritura (lei e profetas), Jesus apresenta uma novidade à sua época e a nós.

Jesus quer ressaltar que o mais importante para cumprir a vontade de Deus não é o muito fazer, seja por Deus, seja pelos irmãos. O importante é ser para o outro, como ele próprio foi para Deus e para o próximo. Toda a sua vida e missão traduziram quem ele é: o Filho amado. Toda a sua ação em prol do outro foi baseada no amor filial, fonte de sua existência. Toda a Escritura (lei e profetas) testemunha que a reali-



zação da vontade de Deus está no cumprimento do duplo mandamento de amar a Deus e ao próximo. Tudo mais, nossos afazeres, nossas devoções etc. só têm sentido se nascem desse mandamento.

2. I leitura (Ex 22,20-26): “Quem ama a Deus ame também a seu irmão” (1Jo 4,21)

A série de leis que aparecem nesse texto bíblico baseia-se em dois fundamentos:

– não se deve fazer a outrem o que não é desejado para si mesmo (Ex 22,20);

– Deus é o libertador e tem particular cuidado com os atribulados, escuta seus clamores e é misericordioso para com eles (Ex 22,26).

São estas as categorias sociais mencionadas nas proibições:

– *o estrangeiro*. Na Antiguidade, cada indivíduo tinha a identidade vinculada a uma tribo ou clã de origem que o protegia. Em viagem ou quando havia migração de uma pequena família para outra região, facilmente essas pessoas ficavam sem proteção e à mercê da violência, por causa da distância da tribo à qual pertenciam.

– *a viúva e o órfão*. A mulher era protegida pelo pai e, na falta deste, pelos irmãos adultos; se casada, pelo marido e, na ausência deste, pelos filhos adultos. A viúva propriamente dita era uma mulher cujo pai ou irmãos estavam ausentes e que, com a morte do esposo, tinha ficado sozinha com filhos ainda crianças. Nessa condição, a mulher estava totalmente desprotegida, podendo sofrer violência e escravidão. Ela está na mesma situação da criança órfã.

3. II leitura (1Ts 1,5c-10): Sois um exemplo para todos

A segunda leitura é um exemplo prático de amor a Deus e ao próximo, concretizado no perdão e na perseverança.

Paulo elogia os cristãos de Tessalônica por perseverarem na fé, apesar das tribulações pe-

Centro Bíblico Verbo

Um centro de estudos que há mais de 25 anos está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades.

Cursos intensivos

- Especialização em Bíblia – Primeiro e Segundo Testamento
- Mestrado
- Estudos de temas específicos
- Línguas do mundo bíblico (hebraico e grego)
- Retiro bíblico

Cursos extensivos

- Introdução ao Primeiro e Segundo Testamento (um sábado por mês)
- Especialização e Aperfeiçoamento (semanal)

Rua Fernandes Moreira, 311
Bairro Chácara Santo Antônio
04714-002 - São Paulo/SP
(11) 5181-7450

contato@cbiblicoverbo.com.br
www.cbiblicoverbo.com.br



las quais passaram. Eles imitavam o modo de viver de Paulo e, em última instância, o modo de viver de Cristo. Quando abraçaram a fé cristã, sofreram calúnias e outras perseguições dos moradores da cidade. Mesmo assim, nada os impediu de perseverar no amor a Deus e na divulgação do evangelho entre os que os perseguiam. Isso mostra que o amor ao próximo não é sinônimo de ajudar os aflitos. O próximo é aquele de quem me aproximo, seja para ajudar, seja para perdoar. Não podemos confundir “próximo” apenas com “necessitado”.

Os cristãos de Tessalônica eram alegres, apesar das perseguições. Não sentiam uma alegria superficial, como a que brota de um coração vazio de sentido e sedento por diversões. Tratava-se, antes, da alegria profunda de quem não guarda rancor, de quem sabe perdoar e amar. Eles perseveravam no amor a Deus e ao próximo.

III. Pistas para reflexão

Destacar na homilia a dicotomia presente na vida de alguns cristãos e chamar a atenção para a unidade entre fé e vida.

Muitos cristãos ainda não assimilaram o mandamento de Jesus sobre o amor a Deus e ao próximo. Muitos lutam por justiça, têm uma prática social e estão engajados na luta por um mundo melhor, mas não têm um momento para estar com Deus em oração, não têm tempo para o Senhor, e, em consequência, suas ações não são fruto de escuta ou de discipulado. Outros cristãos vivem para louvar, para práticas devocionais de novenas e rosários; passam tanto tempo na igreja que não têm um momento para a família, para os amigos, para os vizinhos ou colegas de trabalho.

Discípulos e missionários orantes e atuantes, dedicados a amar a Deus e amar ao próximo, constituem os verdadeiros seguidores de Jesus.



Dicionário da Laudato si'

Sobriedade feliz – 50 palavras-chave para uma leitura pastoral da Encíclica "Sobre o cuidado da casa comum" do Papa Francisco

Paulo Suess

A partir de 50 palavras-chave, o presente Dicionário procura facilitar e estruturar em pequenas unidades a leitura da Encíclica *Laudato si'*, com suas mais de 40 mil palavras.

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



editorapaulus



PAULUS